



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

NATHALY ARAUJO BARROS

**O BIBLIOTECÁRIO ESCOLAR NA INCLUSÃO DE CRIANÇAS
DIAGNOSTICADAS COM TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E
HIPERATIVIDADE (TDAH)**

São Luís

2025

NATHALY ARAUJO BARROS

**O BIBLIOTECÁRIO ESCOLAR NA INCLUSÃO DE CRIANÇAS
DIAGNOSTICADAS COM TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E
HIPERATIVIDADE (TDAH)**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para obtenção
do título de Bacharel em Biblioteconomia,
pelo curso de Biblioteconomia da
Universidade Federal do Maranhão.
Orientadora: Profa. Dra. Raimunda de
Jesus Araujo Ribeiro.

São Luís

2025

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Barros, Nathaly Araujo.

O Bibliotecário escolar na inclusão de crianças diagnosticadas com Transtorno de Deficit de atenção e Hiperatividade TDAH / Nathaly Araujo Barros. - 2025.
74 f.

Orientador(a): Raimunda de Jesus Araujo Ribeiro.
Monografia (Graduação) - Curso de Biblioteconomia,
Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2025.

1. Bibliotecário Escolar. 2. Inclusão. 3. Tdah. 4.
Biblioteca Escolar. I. de Jesus Araujo Ribeiro, Raimunda.
II. Título.

NATHALY ARAUJO BARROS

**O BIBLIOTECÁRIO ESCOLAR NA INCLUSÃO DE CRIANÇAS
DIAGNOSTICADAS COM TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E
HIPERATIVIDADE (TDAH)**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para obtenção
do título de Bacharel em Biblioteconomia,
pelo curso de Biblioteconomia da
Universidade Federal do Maranhão.
Orientadora: Profa. Dra. Raimunda de
Jesus Araujo Ribeiro.

Aprovado em: ____ / ____ / ____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr^a Raimunda de Jesus Araújo Ribeiro (Orientadora)
Universidade Federal do Maranhão – UFMA

Prof. Dr^a Isabel Cristina dos Santos Diniz (Examinadora)
Universidade Federal do Maranhão – UFMA

Prof. Ma. Maria Cléa Nunes (Examinadora)
Universidade Federal do Maranhão – UFMA

A minha mãe Eva, e ao meu Pai Alberto,
que sob muito sol, me fizeram chegar até
aqui pela sombra.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela força, sabedoria e saúde concedidas ao longo desta jornada acadêmica. Sua presença constante me deu coragem para enfrentar os desafios e perseverar até a conclusão deste trabalho.

À Universidade Federal do Maranhão (UFMA), instituição que me proporcionou o espaço e os recursos necessários para a realização deste trabalho e para a minha formação acadêmica.

À minha orientadora, Prof. Dr^a Raimunda de Jesus Araújo Ribeiro, pela paciência, dedicação e pelas valiosas orientações ao longo desta jornada. Sua orientação foi fundamental para a realização deste trabalho.

Agradeço à banca examinadora, composta pelas professoras Isabel Cristina dos Santos Diniz e Maria Cléa Nunes, pela análise criteriosa e pelas contribuições enriquecedoras que ajudaram a aprimorar este trabalho.

Aos docentes do curso de Biblioteconomia, que ao longo dos anos compartilharam seus conhecimentos, incentivaram o pensamento crítico e contribuíram significativamente para a minha formação acadêmica e profissional.

Ao Programa de educação Tutorial PET- Biblioteconomia, minha sincera gratidão pelo incentivo à pesquisa, ao pensamento crítico e à colaboração acadêmica. Ser bolsista do PET foi uma experiência enriquecedora, que ampliou meus horizontes e contribuiu significativamente para minha formação profissional e pessoal.

Aos meus pais, Eva e Alberto por todo amor, apoio e incentivo incondicional em cada etapa da minha vida. Sem o esforço de vocês isso não seria possível, amo vocês.

A minha irmã gêmea e futura fonoaudióloga Nathalia por acreditar em mim quando eu já não mais acreditava. A minha irmã Dayanne por ter me emprestado o seu notebook, sem sua ajuda eu não teria conseguido escrever este trabalho, assim como agradeço pelo privilégio de ser tia do melhor carinha do mundo, João Renato.

A minha nerd e amiga Maria Eduarda por fazer parte desse processo, e me ajudar de uma maneira que somente um amigo poderia, aguentando os surtos e desespero no nosso grupo.

A minha amiga Maristela Amorim, minha dupla de curso e companheira inseparável, (Chris e Greg). Muito obrigada por não ter soltado a minha mão nos momentos difíceis e por sempre ver o lado bom das coisas mesmo quando parecia que não ia dar certo.

Ao meu amigo Claudionilson Martins, cujo humor inigualável foi luz em momentos desafiadores, obrigada por me lembrar que, no fim das contas, tudo pode ser resolvido com uma boa risada.

Às minhas primas Vania e Vanda, pela ajuda financeira, pelos conselhos e, principalmente, por me incentivarem a nunca desistir dos meus objetivos. Sou eternamente grata pelo suporte e pela confiança que sempre depositaram em mim. Obrigada pelo meu primeiro notebook, sem ele eu não teria conseguido acompanhar as aulas durante a pandemia.

As minhas primas Nayara, Aline e a insuperável Julia pelos rolês e pelas tardes de filme, que sem dúvida me ajudaram muito.

Agradeço a mim mesma por toda a dedicação, resiliência e esforço ao longo desta jornada. Pelas horas de estudo, pelas noites mal dormidas, pelos momentos de dúvida superados e pela determinação em seguir adiante, mesmo diante dos desafios. Reconheço meu próprio crescimento, minha força e minha capacidade de superar obstáculos. Esta conquista é, acima de tudo, um reflexo do meu compromisso e da minha perseverança.

Por fim, agradeço também a todos que de alguma forma contribuíram para a realização deste estudo.

"A inclusão acontece quando se aprende com as diferenças e não com as igualdades" Paulo Freire.

RESUMO

O transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) é considerado uma condição do neurodesenvolvimento, que se caracteriza por uma série de sintomas que envolvem a desatenção, hiperatividade e impulsividade em um nível exacerbado e disfuncional para a idade. O presente estudo teve como objetivo geral analisar as estratégias adotadas por bibliotecários escolares do Ensino Fundamental e Médio de instituições públicas e privadas de São Luís para incluir alunos com TDAH no espaço físico da biblioteca e em atividades lúdicas. A metodologia deste estudo constitui-se em pesquisa descritiva de caráter bibliográfico, para a construção da base teórica, destacando autores como Silva (2024), Vasconcelos (2023), Barkley; Murphy (2008), Campello (2010), Antunes e Pimenta (2017). Além disso, foi adotada a pesquisa de campo com abordagem quali-quantitativa para análise dos dados, coletados por meio de um questionário aplicado com bibliotecários escolares do Ensino Fundamental e Médio de instituições públicas e privadas de São Luís, perfazendo um total de 22 respostas validadas. Os resultados obtidos evidenciam que, embora haja um reconhecimento crescente da necessidade de inclusão, ainda existem barreiras significativas que os bibliotecários enfrentam, como a falta de formação específica e o despreparo para lidar com as particularidades dessas crianças. O estudo ressalta ainda a importância do papel do bibliotecário escolar como agente de inclusão e sugere a ampliação das discussões e pesquisas sobre a temática para promover ambientes educativos mais inclusivos.

Palavras-chave: bibliotecário escolar; inclusão; TDAH; biblioteca escolar.

ABSTRACT

Attention deficit hyperactivity disorder (ADHD) is considered a neurodevelopmental condition characterized by a series of symptoms involving inattention, hyperactivity, and impulsivity at an exacerbated and dysfunctional level for age. The present study aimed to analyze the strategies adopted by school librarians in elementary and high schools from public and private institutions in São Luís to include students with ADHD in the physical space of the library and in recreational activities. The methodology of this study consists of descriptive bibliographic research to construct the theoretical basis, highlighting authors such as Silva (2024), Vasconcelos (2023), Barkley; Murphy (2008), Campello (2010), Antunes and Pimenta (2017). In addition, field research with a qualitative and quantitative approach was adopted for data analysis, which was applied through a questionnaire with school librarians from elementary and high schools in public and private institutions in São Luís, culminating in a total of 22 responses. The results obtained show that, although there is a growing recognition of the need for inclusion, there are still significant barriers that librarians face, such as the lack of specific training and the lack of preparation to deal with the particularities of these children. The study highlights the importance of the role of the school librarian as an agent of inclusion and suggests expanding discussions and research on the subject to promote more fair and inclusive educational environments.

Keywords: school librarian; inclusion; ADHD; school library.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 - Subtipos do TDAH.....	17
Quadro 2 - Tratamento do TDAH.....	21
Quadro 3 - Medidas para tratamento de TDAH.....	22
Quadro 4 - Avaliação clínica.....	25
Quadro 5 - Cursos e especializações em inclusão.....	36
Quadro 6 - Representação dos participantes.....	41
Gráfico 1 - Faixa etária dos bibliotecários escolares.....	42
Gráfico 2 - Escolaridade dos bibliotecários.....	43
Gráfico 3 - Tipo de biblioteca que o bibliotecário trabalha.....	43
Gráfico 4 - Tempo de experiência como bibliotecário escolar.....	44
Gráfico 5 - Conhecimento dos bibliotecários escolares sobre o TDAH.....	45
Gráfico 6 - Fonte de informação sobre o TDAH.....	46
Gráfico 7 - Formação nas escolas sobre TDAH.....	47
Gráfico 8 - Participação dos bibliotecários em palestras/curso.....	47
Gráfico 9 - Espaço para desenvolvimento de atividades lúdicas de leitura.....	48
Gráfico 10 - Inclusão dos alunos com TDAH na biblioteca escolar.....	50
Gráfico 11 - Adaptações que favorecem a inclusão de alunos com TDAH na biblioteca escolar.....	51

LISTA DE SIGLAS

ABDA	Associação Brasileira do Déficit de Atenção
APA	Associação Americana de Psiquiatria
Brapci	Base de Dados em Ciência da Informação
CAPES	Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CFB	Resolução do Conselho Federal de Biblioteconomia
CID	Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde
DSM	Manual de diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais
INE	Instituto Nacional de Ensino LBI Lei Brasileira de Inclusão
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MS	Ministério da Saúde
OMS	Organização Mundial de Saúde
PCDT	Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas do Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade do Ministério da Saúde
PPP	Projeto Político Pedagógico
SciELO	Scientific Electronic Library Online
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TDAH	Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade
UEMA	Universidade Estadual do Maranhão
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFMA	Universidade Federal do Maranhão

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 BREVE HISTÓRICO DO TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE (TDAH)	16
2.1 O diagnóstico do TDAH	19
2.2 Tratamento e acompanhamento	21
3 BIBLIOTECA ESCOLAR: surgimento, panoramas legais e perspectivas de inclusão	26
4 O BIBLIOTECÁRIO ESCOLAR NA INCLUSÃO DOS ALUNOS COM TDAH	32
4.1 Educação continuada	35
5 METODOLOGIA	39
5.1 Coleta dos Dados	41
6 RESULTADOS E INTERPRETAÇÃO DE DADOS	42
6.1 Uma proposta de intervenção	53
7 CONCLUSÃO	55
REFERÊNCIAS	57
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PARA COLETA DE DADOS	62
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCL)	65

1 INTRODUÇÃO

Quando se discute sobre crianças e adolescentes com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), a primeira coisa que se comenta é sobre a questão dos rótulos que esses sujeitos recebem até serem diagnosticados, tais como: mal-educado, preguiçosos, desinteressados, sem limites, ou que vivem no “mundo da lua”. Além disso, muitas pessoas ainda resistem em aceitar que o TDAH é de fato um transtorno que precisa de tratamento e acompanhamento, o que acaba dificultando o diagnóstico (Soares, et al 2024).

O TDAH é reconhecido no meio médico desde o início do século XX, mas somente a partir de 1970 ganhou destaque nos diagnósticos, principalmente na América do Norte. Em 1992, o transtorno foi reconhecido legalmente pela Organização Mundial de Saúde (OMS), através da Classificação Internacional de Saúde (CID 10) (Legnani; Almeida, 2008). Além disso, o TDAH é considerado uma condição do neurodesenvolvimento, que se caracteriza por uma série de sintomas que envolvem a desatenção, hiperatividade e impulsividade em um nível exacerbado e disfuncional para a idade (Brasil, 2022a).

Para a Associação Brasileira do Déficit de Atenção (ABDA), o número de casos de TDAH varia entre 5% e 8% a nível mundial. Estima-se que 70% das crianças com o transtorno apresentam outra comorbidade¹ e pelo menos 10% apresentam três ou mais comorbidades. Os sintomas, em inúmeros casos começam a aflorar na infância, onde as dificuldades só se tornam mais evidentes a partir do momento em que a criança começa a ter mais independência, mais precisamente, quando ela começa a ser avaliada no contexto escolar, uma vez que ela irá precisar se organizar para alguma atividade ou tarefa sem supervisão dos pais, ou responsáveis (Brasil, 2022b).

Com relação ao diagnóstico, não existem exames para a identificação de transtornos mentais. O diagnóstico para TDAH é realizado de modo clínico, podendo contar com o suporte de escalas e testes específicos. É importante destacar que, embora o TDAH não tenha cura, é possível minimizar seus efeitos mediante uma combinação de abordagens, como a terapia comportamental e o uso de medicamentos (Rohde, et al., 2000). O acompanhamento contínuo do aluno com

¹ Comorbidade significa a presença ou associação de duas ou mais doenças no mesmo indivíduo e para os portadores de TDAH é bem comum a associação a outras doenças e distúrbios psiquiátricos, em todas as faixas de idade dos pacientes. (ABDA,2024)

TDAH permite monitorar os avanços, ajustes na medicação e em outras terapias, além de fornecer suporte emocional tanto para o estudante quanto para os educadores e familiares. No entanto, o tratamento adequado não se limita à esfera médica; ele envolve um conjunto de práticas educativas adaptadas às necessidades específicas dos alunos, proporcionando a eles um ambiente de aprendizagem mais inclusivo e eficaz (Jou et al., 2010).

Os casos mais comuns de TDAH são identificados na escola pelo profissional de educação, sabe-se que o ambiente escolar é palco cultural mais abrangente do que se possa imaginar. Na educação infantil, que é a porta de entrada para a educação básica, é muito importante, nessa etapa, os profissionais de educação observam dentro de suas atividades a interação dos seus discentes, onde podem observar seus desenvolvimentos cognitivos para assim avaliar seu crescimento intelectual (Bogossian, 2021, p. 4).

Nesse contexto, as bibliotecas escolares desempenham um papel fundamental na inclusão desses alunos. Surgidas como espaços de promoção da leitura e do aprendizado, as bibliotecas escolares têm evoluído para ambientes mais dinâmicos, que não se limitam a oferecer livros, mas também a fomentar atividades pedagógicas e culturais, e promover a inclusão de todos os alunos, independentemente de suas condições físicas, cognitivas, sensoriais, socioeconômicas ou culturais (Marcolino; Castro Filho, 2014).

As políticas públicas e panoramas legais voltados à educação especial reforçam a necessidade de promover ambientes acessíveis para alunos com deficiências e transtornos de aprendizagem, incluindo a adaptação de espaços, recursos e materiais didáticos para garantir a equidade no acesso à informação e ao conhecimento. O direito à educação para alunos com TDAH ainda é tímido, porém presente diversas legislações, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, e a Lei Brasileira de Inclusão (LBI), que estabelecem normas para garantir a inclusão de estudantes com necessidades educacionais especiais, incluindo os com transtornos como o TDAH.

Nesse cenário destaca-se então o papel do bibliotecário como educador, que conforme a *Association of College & Research Libraries* (2017) é o bibliotecário que atua “ensinando” em vários contextos, tendo uma postura proativa e participativa no esforço educativo, atuando como orientador e guia de estudantes em processos informacionais, assim como no seu desenvolvimento pessoal e cognitivo. Ele deve ser capaz de ir além do simples processo de busca e uso da informação, deve ser um

bibliotecário que representa sua unidade de informação eficientemente, que atue e tenha como missão multiplicar a competência informacional nesse ambiente.

Para Silva (2024) esse profissional deve ser um agente facilitador na adaptação das práticas e recursos bibliográficos às especificidades dos alunos, promovendo um ambiente mais acolhedor e eficaz para a aprendizagem desses estudantes, colaborando com os professores e outros profissionais da educação para identificar as necessidades específicas de cada aluno e oferecer soluções que favoreçam seu desenvolvimento acadêmico.

Para tanto, é essencial que o bibliotecário escolar esteja constantemente em processo de formação continuada. A educação permanente permite que o profissional esteja atualizado sobre as mais recentes pesquisas, técnicas e estratégias pedagógicas voltadas à inclusão de alunos com TDAH. Essa formação deve abordar temas como metodologias de ensino diferenciadas, uso de tecnologias assistivas, estratégias de leitura e escrita adaptadas, e formas de interação social que favoreçam a inclusão dos estudantes com dificuldades de aprendizagem. Ao se capacitar continuamente, o bibliotecário não apenas aprimora suas habilidades técnicas, mas também contribui para a construção de um ambiente escolar mais inclusivo, no qual todos os alunos, independentemente de suas características, tenham a oportunidade de desenvolver todo o seu potencial (Vasconcelos, 2023).

Por esse ângulo, é possível perceber que a biblioteca e o bibliotecário precisam ser protagonistas no que diz respeito a inclusão dessas crianças, uma vez que, é notável o impacto causado pela inserção dos alunos com deficiência nas escolas regulares de educação básica no Brasil, e o despreparo profissional vindo da insuficiência ou da falta de formação dos profissionais da educação para atuarem junto a essa nova demanda, passando a ser uma das dificuldades mais expressivas.

“Ao tempo em que questionamos: Será que os Bibliotecários e as bibliotecas de São Luís estão aptos a receber esses alunos?”

Desse modo, este estudo tem como objetivo geral analisar as estratégias adotadas por bibliotecários escolares do Ensino Fundamental e Médio de instituições públicas e privadas de São Luís para incluir alunos com TDAH no espaço físico da biblioteca e em atividades lúdicas. Além disso, buscando viabilizar o alcance do objetivo geral, destacam-se os objetivos específicos: a) avaliar como as crianças diagnosticadas com TDAH estão sendo incluídas nas atividades da biblioteca escolar; b) constatar se o bibliotecário escolar e as bibliotecas tanto públicas, quanto privadas

de São Luís estão aptas para receber esse público; c) identificar o que o bibliotecário escolar tem feito com relação às atividades lúdicas que estimulem o desenvolvimento e aprendizagem desse público.

Justifica-se a relevância desta pesquisa para a Biblioteconomia, considerando que a análise do papel da biblioteca escolar na inclusão de alunos com TDAH oferece uma nova perspectiva sobre o espaço bibliográfico como um ambiente de aprendizagem acessível e adaptado. Ao investigar as práticas e as estratégias utilizadas pelos bibliotecários escolares para lidar com essa questão, a pesquisa contribui promovendo a adaptação de recursos e práticas para atender à diversidade de estudantes. Do ponto de vista social, a inclusão de alunos com TDAH em ambientes educacionais adequados é uma questão de equidade e justiça. A falta de estudos aprofundados sobre a atuação das bibliotecas e dos bibliotecários escolares, na inclusão desses alunos deixa uma lacuna no desenvolvimento de práticas e estratégias que favoreçam a sua participação efetiva na vida escolar. Essa constatação foi evidenciada por meio da pesquisa bibliográfica, que revelou a escassez de materiais e investigações sobre a temática, conforme pode ser evidenciado na base teórica deste estudo.

Ao se promover a inclusão de forma efetiva, todos os estudantes, sem exceção, são beneficiados, pois o ambiente educacional torna-se mais diversificado, mais criativo e mais capaz de atender às diferentes formas de aprendizagem. “[...] A inclusão significa que a sociedade deve adaptar-se às necessidades da pessoa com deficiência para que esta possa desenvolver-se em todos os aspectos de sua vida” (Sassaki, 2010, p. 167). A inclusão de alunos com TDAH no sistema educacional não é apenas uma exigência legal, mas uma necessidade para o aprimoramento da qualidade do ensino, uma vez que a diversidade de perspectivas e necessidades desafia o sistema a se tornar mais flexível e adaptável.

Outro ponto a ser destacado refere-se à possibilidade de que este estudo sirva como possível norteador para que os bibliotecários e os demais envolvidos na construção de uma biblioteca acessível possam ser cada vez mais assertivos na busca pela inclusão e acesso democrático à informação. Uma vez que é notável a falta de material bibliográfico atual e até mesmo antigo sobre temática em bases de dados a exemplo da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e a Base de Dados em Ciência da Informação (Brapci). Tendo em vista a busca pelos descritores biblioteca

escolar, Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, Inclusão e Bibliotecário Escolar usando operadores booleanos “AND/E”, dos anos de 2019 até 2025. Foi encontrado apenas TDAH e inclusão juntos, o resto dos descritores só aparece resultados pesquisando cada um separadamente.

Além disso, também existe interesse pessoal pelo tema abordado. Como alguém com diagnóstico de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), a vivência pessoal proporciona uma perspectiva única sobre os desafios enfrentados por crianças com esse diagnóstico no ambiente escolar. Desde a infância, a autora experimentou as dificuldades típicas do TDAH, como a dificuldade em manter o foco por longos períodos e a necessidade de estratégias específicas para organizar e gerenciar a aprendizagem. Essa experiência, tanto no âmbito acadêmico, quanto profissional (através dos estágios), despertou na autora o interesse por compreender como a inclusão de alunos com TDAH pode ser efetivamente promovida, principalmente no contexto das bibliotecas escolares, uma vez que, a biblioteca sempre foi um espaço considerado pela autora na infância como um lugar de muitas possibilidades e de calma.

A pesquisa adotou uma abordagem descritiva, sendo realizada através de uma revisão bibliográfica, assim como, o estudo utilizou a pesquisa de campo com abordagem tanto quantitativa, quanto a qualitativa, por meio da aplicação de um questionário, contendo questões fechadas e abertas, com bibliotecários escolares do Ensino Fundamental e Médio de instituições públicas e privadas de São Luís. Foram consultados livros, e-books, artigos, monografias, teses e dissertações. Estruturalmente, este trabalho está dividido em seções, a primeira apresenta a justificativa, objetivos geral e específico, a segunda seção é composta por um breve histórico sobre o transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, buscando apresentar a cronologia da nomenclatura TDAH, assim como explicar como é feito o tratamento e acompanhamento das crianças com esse diagnóstico. A terceira seção discorre sobre a biblioteca escolar, seu surgimento, panoramas legais e perspectivas de inclusão. Na quarta seção aborda sobre o Bibliotecário Escolar na inclusão dos alunos com TDAH, assim como demonstra a importância da educação continuada para os bibliotecários. A quinta seção refere-se à metodologia, onde se descreve o tipo de pesquisa, fontes bibliográficas consultadas, e escolha do instrumento usado para a coleta de dados. A sexta e sétima seção abordam a análise e interpretação dos dados coletados na pesquisa, que confirmou a relevância da capacitação dos

bibliotecários, identificando que muitos profissionais se sentem despreparados para atender as necessidades específicas desses alunos, destacando a importância de programas de formação continuada que alcance desde o conhecimento sobre o TDAH até técnicas de mediação de leitura inclusiva.

Além disso, constatou-se que, apesar de alguns bibliotecários estarem implementando iniciativas lúdicas e acolhedoras, a maioria das bibliotecas ainda não desenvolvem práticas sistemáticas que garantam a inclusão efetiva desse público. As respostas obtidas evidenciaram ainda a necessidade de fortalecer esses espaços com ações planejadas e inclusivas.

2 BREVE HISTÓRICO DO TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE (TDAH)

O transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), segundo Barkley e Murphy (2008), é o atual termo usado para denominar os significativos problemas apresentados por crianças quanto à atenção, a impulsividade e a hiperatividade. O termo não surgiu em um momento específico, mas, sua definição e compreensão evoluíram bastante ao longo do tempo.

Na literatura, seu primeiro aparecimento foi em 1890 no livro de Willian James, denominado de “princípios de psicologia”, onde se descreve uma variante normal do caráter humano chamada de “vontade explosiva”. Já em 1902, segundo Caliman (2010), esse transtorno foi mencionado pelo pediatra britânico George Frederic Still, através de uma série de palestras onde caracterizava as crianças com “déficits de controle moral”. Em uma dessas palestras, Still “[...] descreveu algumas crianças como: impulsivas, imediatistas, e não capazes de sustentar a atenção” (Carvalho *et al.*, 2022, p. 4).

Outrossim, avançando um pouco mais no tempo, mais especificamente na década de 1960, o termo “disfunção cerebral mínima” começou a ser utilizado para descrever crianças que apresentavam dificuldades de atenção e comportamento. Em 1968 o Manual de diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-II) foi uma importante ferramenta no estudo da temática, pois, o manual incluiu uma condição chamada “reação hipercinética da infância”, definida como excesso de atividade, inquietação, distração e falta de atenção, particularmente, em crianças pequenas.

Contudo, só na década de 1970 que segundo Bonadio e Mori (2013) o foco sobre a hiperatividade foi transposto para a ênfase no déficit de atenção, já que alguns

pesquisadores argumentam que o déficit de atenção era a característica mais marcante do transtorno, e é o sintoma que melhor apresenta resposta ao tratamento com estimulantes

A terceira edição do DSM (DSM-III), publicada em 1980, introduziu o termo "Transtorno de Déficit de Atenção" (ADD), que podia ocorrer com ou sem hiperatividade. Em 1987, o DSM-III-R revisou essa definição e adotou o termo "Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade" (TDAH). (Pinheiro, 2008, p. 24).

Adicionalmente, com a quinta edição da DSM (DSM-V), foi possível entender ainda mais os critérios diagnósticos para o TDAH, uma vez que no manual, os subtipos do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) são categorizados com base nos sintomas predominantes apresentados, conforme o quadro 1.

Quadro 1 - Subtipos do TDAH

Subtipo	Características	Ocorrência de casos
Predominante desatento	Seis ou mais sintomas de desatenção	27%
Predominante hiperativo-impulsivo	Seis ou mais sintomas de hiperatividade-impulsividade	18%
Combinado	Seis ou mais sintomas de desatenção e seis ou mais sintomas de hiperatividade-	55%

Fonte: adaptado de DSM-5 (2014)

Assim, é relevante destacar que, o TDAH no DSM-5 se baseia na avaliação da presença e gravidade dos sintomas de desatenção e hiperatividade-impulsividade, levando em conta os prejuízos causados em múltiplos contextos da vida do paciente, como por exemplo, no profissional, no acadêmico ou no social. Diante disso, a escolha do subtipo adequado é essencial para orientar o tratamento e oferecer suporte adequado ao indivíduo com TDAH.

Para Rezende (2024), hoje se identifica diferentes mecanismos neurais que podem estar envolvidos na raiz do transtorno, resultando em variados estilos de resposta comportamental, assim como fatores de risco também influenciam o desenvolvimento e a evolução do transtorno.

É importante também ressaltar que esse transtorno pode estar associado a outras síndromes e dificuldades, o que se chama de comorbidades, e o

quanto isso torna o diagnóstico particular e individual, precisando ser tratado caso a caso, idealmente por uma equipe multidisciplinar (Amadio, 2008, p. 14).

Nesse contexto, Galvão e Abuchaim (2009), dizem que a principal causa do TDAH é de ordem genética, com sintomas que ficam mais perceptíveis quando a criança é submetida a situações em que necessita de concentração e desempenho, como por exemplo, na fase escolar. É um consenso entre os profissionais da saúde que pode existir mais de um caso de TDAH na família, uma vez que ele é hereditário, causado “[...] por desequilíbrios químicos entre a dopamina e a noradrenalina, que são deficitárias, sendo um distúrbio bidimensional, que envolve atenção hiperatividade/impulsividade [...]” (Amadio, 2008, p. 18).

Nessa perspectiva, todos os sujeitos com TDAH têm facilidade em desviar-se de uma tarefa, provocado por algum outro estímulo, porém, estes são capazes de prestar atenção por um longo período em situações que envolvam alguma novidade, ou alto valor de interesse pessoal, é o que se chama de hiperfoco (Brasil, 2022). Um fato importante no diagnóstico do TDAH e que não pode deixar de ser observado, são os locais onde ocorrem os sintomas, já que os sintomas se manifestam em mais de um ambiente, como na escola, em casa e em interações sociais. Se os sintomas são observados apenas em um contexto específico, pode ser que o comportamento esteja relacionado a fatores situacionais ao invés de um transtorno neurológico. Por exemplo, uma criança que apresenta desatenção apenas na escola pode estar reagindo a problemas específicos daquele ambiente, como *bullying*, problemas de visão, ou um estilo de ensino que não se adequa às suas necessidades (Desidério, 2007).

Para entender melhor sobre o TDAH, é importante saber como funciona o diagnóstico, que, segundo a Associação Brasileira do Déficit de Atenção (2022), é inteiramente clínico, feito com base nos sintomas, da mesma maneira que outros problemas, como a síndrome do pânico e a depressão. Não é necessário exame de ressonância, ou qualquer outro que avalie características físicas. Outros profissionais, como pediatras e neurologistas especializados nesse transtorno, também podem auxiliar no processo de diagnóstico.

2.1 O diagnóstico do TDAH

De acordo com Lacet e Rosa (2017), pesquisas do campo médico apontam que o diagnóstico de TDAH apresentou um expressivo crescimento desde a última década, tornando-se o mais frequente dos transtornos psiquiátricos tratados em crianças e jovens, e apesar de ter se tornado uma condição bastante popular, o diagnóstico não é tão simples, uma vez que, os seus principais sintomas se confundem com outras condições clínicas, ou com características que são normais do desenvolvimento do indivíduo.

Portanto, é fundamental empregar critérios operacionais definidos com base na avaliação clínica realizada por profissionais capacitados e experientes. Pois, um diagnóstico equivocado ou incorreto, assim como a ausência de diagnóstico, pode acarretar sérias consequências para o indivíduo.

Dessa forma, segundo portaria conjunta nº 14, de 29 de julho de 2022, do Ministério da Saúde, que aprova o protocolo clínico e diretrizes terapêuticas do transtorno do déficit de atenção com hiperatividade.

Em casos de suspeita de TDAH, deve ser realizada uma avaliação clínica e psicossocial completa. O diagnóstico deve ser realizado por um médico psiquiatra, pediatra ou outro profissional de saúde (como neurologista e neuropsiquiatra). Cabe ressaltar que, para adequada avaliação e gerenciamento da doença, é fundamental o envolvimento de equipe multidisciplinar (Brasil, 2022).

Atualmente, a validação do diagnóstico tanto em adultos quanto em crianças é feita com base nos principais sistemas de classificação diagnóstica, importantes para obter informações detalhadas e suporte específico sobre o diagnóstico de TDAH. Os principais são: Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID), Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, quinta edição (DSM-5) da Associação Americana de Psiquiatria (APA), e a décima edição da classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID-10), que utiliza o código F90 conforme publicação da Organização Mundial de Saúde (OMS).

Ademais, para um diagnóstico mais preciso, os profissionais da saúde podem seguir algumas etapas, tais como:

- a) **Entrevista com o paciente:** a entrevista clínica é fundamental para entender os sintomas e como eles impactam a vida do paciente. O diálogo com o paciente ajuda a captar a percepção pessoal das dificuldades enfrentadas.

- b) **Histórico Médico e Familiar:** a revisão do histórico médico do paciente, bem como antecedentes familiares, é crucial, considerando a base genética significativa do TDAH.
- c) **DSM-5 e CID-11:** profissionais utilizam os critérios do DSM-5 e da CID-11. Para adultos, é necessário que pelo menos cinco sintomas de desatenção e/ou hiperatividade-impulsividade estejam presentes por no mínimo seis meses. Para crianças, são necessários seis sintomas (CID-11, 2018; DSM-5, 2013).
- d) **Questionários padronizados e escalas de Avaliação:** escalas de Conners, ferramenta utilizada para avaliar a frequência e a severidade dos sintomas de TDAH a partir da perspectiva dos pais, professores e do próprio paciente, (Mattos, 2006).
- e) **Testes Cognitivos:** incluem avaliações de QI² e testes de funcionamento executivo, que ajudam a identificar possíveis deficiências cognitivas (Benczik et al., 2013).
- f) **Avaliação de Aprendizagem:** em crianças, a avaliação do desempenho acadêmico é essencial para compreender o impacto do TDAH na aprendizagem;
- g) **Observações de Terceiros:** Relatos de pais, professores e outros adultos que conhecem bem o paciente são cruciais para uma avaliação abrangente;
- h) **Autoavaliação:** Questionários preenchidos pelo próprio paciente ajudam a captar uma perspectiva interna sobre os sintomas.

Diante desses critérios, fica evidente que o diagnóstico do TDAH é um processo complexo e multifacetado que requer a integração de diversas fontes de informação e ferramentas de avaliação. Este processo abrangente é fundamental para garantir um diagnóstico preciso e eficaz, diferenciando o TDAH de outras condições que possam apresentar sintomas semelhantes.

Sendo assim, segundo a portaria conjunta nº 14, de 29 de julho de 2022 disserta que:

[...] durante a avaliação, o profissional deve estar ciente de que pessoas nos seguintes grupos podem ter maior prevalência de TDAH em comparação com a população em geral: pessoas nascidas prematuras; crianças e jovens com diagnóstico de transtorno desafiador de oposição ou transtorno de conduta; crianças e jovens com transtornos de humor (por exemplo, ansiedade e depressão); pessoas com um familiar próximo com diagnóstico de TDAH;

² QI mede o desempenho cognitivo de um indivíduo comparando a pessoas do mesmo grupo etário. O primeiro teste para medir a capacidade intelectual foi desenvolvido no início do século XX pelo psicólogo francês Alfred Binet

peessoas com epilepsia; pessoas com transtornos de neurodesenvolvimento (por exemplo, transtorno do espectro do autismo); e pessoas com histórico de uso indevido de substâncias psicoativas (Brasil, 2022).

A intervenção precoce é crucial para o manejo eficaz do TDAH, um plano de tratamento personalizado pode incluir uma combinação de abordagens, como terapia comportamental, intervenções educacionais e, em alguns casos, medicação. O envolvimento ativo de pais, professores e outros profissionais é fundamental para o desenvolvimento de habilidades de autocontrole, organização e resiliência

2.2 Tratamento e acompanhamento

Segundo o Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas do Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade do Ministério da Saúde (PCDT) de 2022, devido à complexidade do TDAH, recomendam-se tratamentos diversos, que vão desde intervenções não medicamentosas, que envolvem atividades cognitivas e comportamentais focadas no controle executivo e no funcionamento ocupacional, como, por exemplo, as intervenções psicossociais, denominada de terapia cognitivo comportamental (TCC). Até mesmo intervenções mais específicas envolvendo a escola, como mostra o quadro 2

Quadro 2 - Tratamento do TDAH

Tratamento	Utilização
Tratamento não medicamentoso	Este prioriza que os profissionais devem enfatizar o valor de uma dieta equilibrada, boa nutrição e exercício físico regular para crianças, jovens e adultos com TDAH.
Terapia cognitivo comportamental	Utiliza técnicas tanto do cognitivo quanto comportamental. A cognitiva está ligada a soluções de problemas, diálogo interno, treinamento de autocontrole. Já dentre as técnicas comportamentais , se destaca mais o automonitoramento.
Tratamento medicamentoso	Os estimulantes são os medicamentos mais comuns e amplamente estudados para o tratamento do TDAH. Eles funcionam aumentando os níveis de dopamina e noradrenalina no cérebro, neurotransmissores importantes para a atenção e controle de impulsos.

Apoio educacional	O apoio educacional é uma parte crucial no manejo do TDAH, pois ajuda a maximizar o potencial acadêmico e social dos alunos afetados pelo transtorno. Esse apoio pode incluir estratégias e adaptações dentro da sala de aula, bem como serviços de apoio especializados.
Apoio familiar	A comunicação regular com os pais é essencial, pois, estes podem estar mais cientes sobre o progresso do aluno e quaisquer dificuldades observadas, assim como avaliar ajustes necessários.

Fonte: adaptado do Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas do Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade de 2022.

Dessa forma, tanto o tratamento medicamentoso quanto os demais podem ser bastante eficazes, sendo uma parte crucial do plano de manejo do transtorno. Com o acompanhamento adequado e ajustes personalizados, os medicamentos podem ajudar significativamente na redução dos sintomas e na melhoria da qualidade de vida de pessoas com TDAH.

Adicionalmente, a ABDA (2023) aborda algumas medidas que podem ser tomadas no ambiente escolar para melhorar o desempenho e inclusão dos alunos, tais como mostra no quadro 3.

Quadro 3 - Medidas para tratamento de TDAH

Categorias	Ajustes e adaptações
Ajustes e adaptações básicas	– Reduzir as tarefas, torná-las mais curtas ou dividi-las em partes, etapas. – Reduzir as tarefas escritas e de copiar. – Facilitar alternativas distintas de avaliação: oral, com projetos especiais. – Utilizar suportes complementares na classe como gravadores, calculadoras, computadores, papel carbono, etc. – Pôr notas das datas em que devem ser entregues as tarefas e trabalhos. – Complementar, reforçar instruções verbais com informação visual. – Dar cópias das notas básicas dos capítulos. – Modificar, simplificar o texto do livro de exercícios. – Ter em casa uma cópia do texto da escola.

Ajustes e intervenções específicas	– Sentar-se na frente, perto do professor. – Sentá-lo longe das distrações. – Limitar as distrações visuais. – Reduzir o nível de ruído quando necessário concentração. – Fazer cartazes e guias para referência do aluno.
Organização	– Escrever as tarefas no quadro e explicá-las oralmente. – Usar e seguir o calendário diariamente. – Clarificar as tarefas no final do dia. – Conferir com o professor ou parentes os materiais necessários para levar para casa. – Dar-lhe materiais prontos para arquivar na pasta. – Ter pastas, cadernos, etc., com divisões e cores diferentes. – Ajudar a organizar a mesa e materiais – Codificar os textos e livros por cor. – Colocar uma lista na mesa de: “Coisas por fazer”. – Dividir tarefas longas. – Limitar a quantidade de materiais sobre a mesa da criança.
Comunicação e trabalho em equipe	– As comunicações diárias ou semanais devem ser assinadas pelos pais com gráficos e guias especiais que indiquem o comportamento e se os trabalhos estão completos. – Comunicação telefônica frequente com os pais (Lembre-se de compartilhar as conquistas positivas e as preocupações). – Encontros mais frequentes com os pais para construir uma equipe de trabalho com e para a criança. – Compartilhar com outro professor suas conquistas, atividades, disciplina
Gestão em sala de aula, ou ambiente de atividades educativas	– Aumentar a estrutura e o monitoramento dos comportamentos concretos. – Definir com clareza as expectativas e as consequências (Verifique-as frequentemente). – Ter proximidade física com o aluno, contato visual permanente. – Ensinar apenas quando haja silêncio e todos estejam atentos. – Elogiar comportamentos positivos. – Utilizar cartas de progresso, contratos para melhorar o comportamento.
Ensino e avaliação	– Dar tempo extra para processar informações (falar mais lentamente e dar mais “tempo para que o aluno pense e responda”). – Aumentar a quantidade de exemplos, modelos,

	demonstrações e prática dirigida. – Dar muitas oportunidades para trabalhar com companheiros ou em grupo pequeno. – Oferecer oportunidades para verbalizar na aula, para expressar-se sem temor em um clima seguro sem temer o ridículo. – Analisar o progresso e reforçá-lo: tarefas, trabalho em classe, etc.
--	--

Fonte: adaptado da ABDA (2023).

Nesse sentido, nota-se que atualmente já existem muitas intervenções e medidas que podem ser tomadas para o tratamento das crianças com TDAH, assim como direcionamentos que auxiliam tanto os profissionais da saúde quanto os educadores, profissionais da informação e familiares na condução adequada do desenvolvimento dessas crianças, visando não apenas o controle dos sintomas, mas, a implementação de estratégias pedagógicas adaptadas às necessidades individuais dos alunos, para que estes possam desenvolver habilidades sociais e acadêmicas.

Essas estratégias são importantes para que haja uma conscientização contínua sobre o TDAH, de forma a se pensar em reduzir estigmas e promover uma inclusão mais efetiva dessas crianças em todos os aspectos da vida cotidiana.

Para tanto, segundo a portaria conjunta nº 14, de 29 de julho de 2022, do Ministério da Saúde, faz-se necessário que as crianças diagnosticadas com TDAH tenham um acompanhamento regular que permita ajustes nas estratégias de tratamento, seja no uso de medicação, na abordagem terapêutica ou nas intervenções escolares. Pois, através do acompanhamento é possível promover um maior suporte social e inclusão das crianças.

Sendo assim, a portaria conjunta nº 14, de 29 de julho de 2022. p. 12 reitera que:

[...] para avaliar a resposta ao tratamento e a revisão periódica do progresso é aconselhado o uso de questionários baseados em evidências, como por exemplo, as escalas de TDAH / DSM-IV. Para um melhor controle dos sintomas, há necessidade de consultas mais próximas no início do tratamento. O ideal é que as primeiras consultas não ocorram com intervalos superiores a 30 dias, podendo ampliar para a cada três ou quatro meses, se o caso tiver boa evolução. O tratamento não medicamentoso (atendimento psicológico, orientação aos pais, apoio escolar) deve ser iniciado precocemente, com frequência semanal, cuja demanda deve ser periodicamente avaliada (Brasil, 2022).

A avaliação pode ocorrer de diferentes formas, porém, precisa ser sempre feita com uma equipe multiprofissional, como mostra o quadro 4:

Quadro 4 - Avaliação clínica

Avaliação
Médico psiquiatra
Psicólogo
Fonoaudiólogo
Psicopedagogo
Assistente social
Avaliação clínica
Primeiras consultas- intervalos inferiores à 30 dias, podendo se ampliar para a cada três ou quatro meses.
Exames complementares
Nenhum específico

Fonte: adaptado do PCDT (2022).

Para uma revisão periódica de progresso é importante destacar que cada membro da equipe é responsável por uma parte da avaliação, como, por exemplo, o médico **psiquiatra**, pode realizar uma avaliação detalhada dos sintomas, avaliar históricos médicos, podendo descartar ou tratar outras comorbidades como ansiedade ou depressão. Quanto ao **psicólogo**, tem a função de realizar avaliações psicológicas detalhadas, incluindo testes neuropsicológicos, podendo ajudar a trabalhar com os padrões de comportamentos específicos de dificuldade, como a atenção, a memória e o controle de impulsos com a terapia cognitivo-comportamental.

Ademais, o **fonoaudiólogo** avalia as habilidades de linguagem e comunicação, que podem ser afetadas pelo TDAH, atentando quanto aos problemas de linguagem e comunicação que podem impactar na atuação acadêmica e social da criança. Já o **psicopedagogo** vai avaliar as dificuldades de aprendizagem e pode ajudar a desenvolver estratégias educacionais personalizadas para a criança. Ele trabalha para identificar como o TDAH afeta o desempenho acadêmico e oferece intervenções pedagógicas, fornecendo apoio no desenvolvimento de habilidades de organização e gerenciamento do tempo.

Além disso, o assistente social também avalia o contexto familiar e social da criança, que pode influenciar ou ser influenciado pelo TDAH. Ele fornece suporte e recursos para a família e pode ajudar a conectar a criança com serviços adicionais, tem uma abordagem no suporte em questões sociais e econômicas, buscando recursos comunitários e escolares.

Quanto à periodicidade de avaliação, esta deve ser constante e realizada a cada sessão terapêutica cuja frequência deve ser determinada pelo profissional. [...] Exames não são preconizados como prática cotidiana. Estes devem ser solicitados por profissional de saúde quando houver necessidade (Brasil, 2022 p. 13).

Pois, a parceria de trabalho dos profissionais ajuda a atender às áreas de necessidade da criança, fazendo assim um tratamento coeso e eficaz.

Nesse contexto, insere-se a biblioteca escolar como um ambiente inclusivo, agente de conhecimento, sendo parte integral da escola, contribuindo com o desenvolvimento social, pedagógico e cultural dos seus usuários. Além disso: [...] se tratando de bibliotecas escolares, estas têm como função social satisfazer as necessidades da instituição, desenvolvendo projetos pedagógicos e culturais de forma estratégica que facilite o aprendizado, transformando-se em um espaço de interação, sendo informativa, educativa, cultural e recreativa". (Ferreira, 2022, p. 7).

3 BIBLIOTECA ESCOLAR: surgimento, panoramas legais e perspectivas de inclusão

As bibliotecas são ambientes ideais para a disseminação de informações e saberes, em especial as bibliotecas escolares, que apresentam primordialmente o objetivo de disseminar, transmitir e facilitar o acesso ao conhecimento. O surgimento dessas instituições está intimamente relacionado aos jesuítas, que chegaram à Bahia em 1549, liderados por Manuel da Nóbrega, apenas nove anos após a fundação da Companhia de Jesus. Embora os jesuítas tenham trazido muitos livros, a quantidade não foi suficiente para atender às necessidades dos colégios que foram fundados em várias regiões da colônia pouco tempo depois. Com a escassez dos livros nas escolas, os padres tinham que copiar as cartilhas. Todavia, com o passar do tempo foram chegando mais, e de diversos gêneros, não só para a instrução dos meninos, mas também para a edificação e aperfeiçoamento dos mestres (Moraes, 2006).

Dessa maneira, reafirma (Moraes, 2006, p. 8) os primeiros colégios jesuítas na Bahia e em outras capitais, possuíam milhares de volumes, bem como:

O colégio de Santo Alexandre do Pará, em 1760, tinha mais de 2.000 volumes. A do colégio da Vigia, 1010 volumes. Diversas outras casas jesuíticas de menor importância tinham seu milhar de livros. Serafim Leite calcula em 12.000 os livros existentes no Maranhão e no Pará.

Adicionalmente, é necessário destacar que o bibliotecário, irmão Antônio Vieira da Costa, é evidenciado como o mais notável nessa época, pois catalogou todos os livros por autor e matéria, resultando no primeiro catálogo verdadeiro de uma biblioteca brasileira. Apesar do grande volume de livros, segundo Válio (1990) no país a discussão sobre a importância das bibliotecas escolares começou apenas em 1849, quando o político Vicente P. da Mota chamou a atenção da Assembleia Legislativa de São Paulo para a necessidade de implantar uma biblioteca na província. Pode-se dizer que a implementação destes espaços contribuiu para facilitar o acesso ao conhecimento, em uma época em que a educação ainda era privilégio.

Nesse contexto, hodiernamente esses espaços estão presentes em instituições de ensino, desse modo Campello (2010, p.127) define a biblioteca escolar como:

Um setor da escola cuidado por um profissional que, além de administrá-lo e de organizar e conservar atualizada sua coleção, desempenha papel de mediador, orientando os estudantes na escolha dos materiais, dando apoio ao trabalho dos professores e mantendo ambiências de leitura, enfim, criando um espaço acolhedor para que os usuários explorem com segurança o conhecimento disponibilizado nas fontes de informação.

Esses espaços são parte integrante das instituições de ensino, ou deveriam ser visto sua importância no contexto educacional, estas apresentam um papel multifacetado indo além de um depósito de livros, mas sendo um local de aprendizado que dá suporte educacional. Para Válio (1990, p.20) “[...] a biblioteca escolar é uma instituição que organiza a utilização dos livros, orienta a leitura dos alunos, coopera com a educação e com o desenvolvimento cultural da comunidade escolar e dá suporte ao atendimento do currículo da escola.”

Ademais, é assegurado por lei a permanência deste espaço nas escolas brasileiras, segundo a Lei n.º 12.244 de maio de 2010, Lei de Universalização das Bibliotecas Escolares. Fica determinado nesta lei que “As instituições de ensino públicas e privadas de todos os sistemas de ensino do País contarão com bibliotecas (Brasil, 2010)”.

A Lei de Universalização das bibliotecas escolares é um marco importante para esse campo, principalmente por promover a leitura e a busca por informação nas escolas. Para além, o manifesto da IFLA/UNESCO (2000) para biblioteca escolar, apresenta a missão dessas instituições, além de destacar a importância como apoio

fundamental no aprendizado, sendo a responsável pela disponibilização de livros, trabalhando na formação de cidadãos críticos. Assim como, aborda sobre como esses locais são parte integral do processo de educação, com objetivos como: dar apoio aos objetivos educacionais; promover a leitura, trazer vivências com a informação; desenvolver de habilidades e dar liberdade Intelectual, funções que são fundamentais e fortalecem a cidadania.

Nessa perspectiva, observa-se que a biblioteca escolar deve ser vista como algo que vai além de um simples espaço físico, esta deve ser a principal fonte de informação da comunidade educacional. Assim, para trazer sentido para esse recinto o bibliotecário é o profissional mais preparado para essa função, que já está familiarizado com as competências informacionais.

Dessa forma, segundo o Conselho Federal de Biblioteconomia (2024), o presidente Luiz Inácio Lula da Silva sancionou, no dia 8 de abril, a Lei Federal 14.837/2024, que:

[...] passa a considerar a biblioteca escolar o “equipamento cultural obrigatório e necessário ao desenvolvimento do processo educativo”. Além disso, foi criado o Sistema Nacional de Bibliotecas (SNBE), que, com a atual redação, ordenou a obediência irrestrita aos ditames das Leis n. 4.084/62 e 9.674/98, que regulam o exercício da profissão de Bibliotecário. Ou seja, a biblioteca escolar somente deve funcionar sob a gestão e liderança deste profissional.

Outrossim, no que diz respeito a biblioteca escolar no âmbito pedagógico, deverá ser um complemento, como expõe Lourenço Filho (1946, p.4):

Ensino e biblioteca não se excluem, completam-se. Uma escola sem biblioteca é instrumento imperfeito. A biblioteca sem ensino, ou seja, sem a tentativa de estimular, coordenar e organizar a leitura, será, por seu lado, instrumento vago e incerto. Começa a compreensão destas ideias, felizmente, a vigorar entre nós. Certas bibliotecas escolares se modernizam, e passam a funcionar de forma menos ineficiente. Outras ensaiam orientar os leitores, sugerir-lhes trabalhos, proporcionar-lhes melhores recursos de organização.

Percebe-se como este local tem uma importância no processo de aprendizagem dos alunos, pois além de fomentar as habilidades essenciais para o aprendizado, a biblioteca também promove a criatividade, a imaginação e o senso crítico. Lipinsk e Cristovam (2021, p. 67) também dizem que “A biblioteca escolar é um espaço de construção do conhecimento ao fazer uso do acervo e tudo o mais que é disponibilizado para a aprendizagem, não sendo mera reprodutora de serviços biblioteconômicos, mas um ambiente de ensino-aprendizagem”

Além disso, entende-se que esta deve estar em constante mudança e necessita de uma ação permanente, buscando trabalhar sempre com um ambiente dinâmico,

principalmente esforçando-se para trazer a inclusão e acessibilidade para todos os usuários. A biblioteca escolar inclusiva deve ser o espaço onde todos os alunos podem aprender, crescer e se desenvolver, devendo atender a todas as diferentes necessidades informacionais, e contribuindo para a formação dos cidadãos (Marcolino; Castro, 2014).

Sendo assim, alguns dispositivos legais reiteram esta ideia, como a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, em seu Art. 59 garante direitos específicos aos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento, altas habilidades ou superdotação no sistema educacional brasileiro, com a adaptação de currículos e técnicas que atendam às suas particularidades.

Também pode-se citar a NBR 9050/2015 da Associação Brasileira de Normas Técnicas (2005), que estabelece critérios e parâmetros para garantir a acessibilidade a edificações, mobiliários espaços e equipamentos urbanos. Essa norma determina as condições mínimas para promoção da inclusão social e eliminação de barreiras para que todos possam ter acesso aos espaços urbanos sem percalços, na busca por informação.

Para além, a Resolução do Conselho Federal de Biblioteconomia, CFB Nº 220/2020, de 13 de maio de 2020, dispõe sobre os parâmetros a serem adotados para a estruturação e o funcionamento das bibliotecas escolares. Em seu Art. 2º está assegurado a observância das referências legais e pedagógicas de qualidade e acessibilidade, esta resolução busca garantir que as bibliotecas escolares ofereçam um ambiente de aprendizagem de qualidade, que seja inclusivo, democrático, que promova a leitura, a pesquisa e o desenvolvimento intelectual, além de acessível a todos os alunos.

Partindo disso, segundo Antunes e Pimenta (2017, p.565)

Associado ao direito à educação está o direito à informação, também inerente a todo indivíduo, e que deve ser garantido pelos equipamentos culturais como as bibliotecas. No âmbito educacional é responsabilidade da biblioteca escolar promover serviços e materiais que incluam os alunos com deficiência, por meio da acessibilidade em seus distintos aspectos.

Potencializar a inclusão em espaços como a biblioteca escolar fortalece a luta por equidade. Antunes e Pimenta (2017) abordam que a inclusão que ao valorizar as diferenças em espaços como a escola se cria um ambiente humano e acolhedor, onde todos podem se desenvolver de maneira plena, trabalhando por uma sociedade mais

justa e igualitária.

Para Roma e Cavalcante (2018, p.173) estes espaços devem se adaptar para garantir esse processo, assim as autoras destacam que

O primeiro passo, é a avaliação de acessibilidade, tendo em vista o uso da biblioteca em condições de igualdade por qualquer usuário, seja ele portador de alguma deficiência ou não. Cabe à verificação da falta de planejamento das instalações e seu funcionamento: a biblioteca acessível, seja ela na planta ou que já esteja em funcionamento, tem que pensar em um acesso democrático e envolvente a todas as pessoas. Mesmo que esta não tenha nenhum aluno com necessidade especial, deverá dar condições de atendimento, pois, com a inclusão educacional, a qualquer momento as instalações terão condições de acolher estes usuários.

Essa avaliação é essencial para garantir que todos os alunos, incluindo aqueles com deficiência, possam usufruir deste local de maneira igualitária. Seguindo esse raciocínio Antunes e Pimenta (2017, p. 577) trazem que “Mais do que ter acesso à educação e permanência na escola, ao aluno com deficiência devem ser oferecidas condições para que ele adquira crescente aprendizado que lhe permita desenvolver-se de forma plena em todos os aspectos da vida”.

Nota-se que a biblioteca escolar possui a missão social de incluir o indivíduo na sociedade em que vive, reforçando a importância de aprender. Para tanto, no ambiente educacional, é perceptível a importância de um mediador, para servir como elo entre o conhecimento e o aluno. Segundo Cavalcante, Velanga e Pimenta (2020), o profissional da informação tem objetivo de contribuir na aprendizagem dos alunos, partindo de parâmetros curriculares que vão de acordo com a instituição.

Nesse contexto, o trabalho deve ser realizado em parceria com os professores, uma vez que as funções desempenhadas pelos professores e bibliotecários se complementam, sendo reafirmado pelo manifesto da UNESCO que diz que “ao trabalharem em conjunto, influenciam o desempenho dos estudantes para haja um alcance de maior nível de literária na leitura, escrita, aprendizagem, resolução de problemas, uso da informação e das tecnologias de comunicação e informação (IFLA, 2000, p. 2)”. De mesmo modo, a educação inclusiva é uma prática que precisa ser mais ampliada, para ser possível a familiarização de informações básicas sobre o TDAH no projeto político pedagógico, para que todo o corpo docente seja preparado para trabalhar com uma criança que apresente algum tipo de distúrbio ou transtorno.

Por outro lado, é perceptível que ainda é muito grande a falta de recursos adequados e apoio específico. Nas escolas brasileiras frequentemente são notadas deficiências significativas com relação à infraestrutura, materiais didáticos e

profissionais adequados e capacitados para atender as carências típicas dessas crianças (Pereira, 2023).

Um ponto importante a se destacar é a falta de conscientização e de formação adequada entre os educadores e profissionais da informação, muitos professores não recebem o treinamento necessário para lidar com alunos que têm TDAH, o que resulta em desafios significativos para essas crianças na sala de aula. Elas enfrentam frequentemente a falta de compreensão, rotulação e a ausência de estratégias de ensino que atendam às suas necessidades específicas (Cavalcante, et al., 2021).

No campo da garantia do direito à educação para crianças com transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) no Brasil, é primordial entender a legislação e as políticas direcionadas a esse público, uma vez que tanto a Constituição Federal, quanto a Lei Brasileira de Inclusão, (Lei nº 13.145/2015), exercem um papel crucial nesse contexto (Pereira, 2023). A Constituição Federal de 1988, no seu artigo 205, determina que a educação é um direito universal e um compromisso do Estado, já no artigo 208 realça a igualdade de oportunidades para a permanência e o acesso à escola com atendimento especializado também aqueles com TDAH.

Ademais, no que se refere a Lei Brasileira de inclusão (Pereira, 2023, p. 13) reiteram que:

A Lei Brasileira de Inclusão, no âmbito educacional, enfatiza a importância de fomentar a participação ativa das crianças com TDAH em escolas regulares sempre que possível, garantindo que o ambiente escolar seja ajustado de acordo com suas necessidades específicas. Além disso, ela reforça veementemente a necessidade premente de proporcionar uma educação de qualidade, inclusiva e equitativa a todas as crianças, independentemente de suas condições individuais, para que cada uma delas tenha a oportunidade justa de desenvolver seu potencial educacional.

Do mesmo modo, a Lei 7853/89 entra em uma esfera jurídica e criminaliza as escolas que não aceitam a matrícula de alunos especiais, deficientes ou não deficientes, tornando a inclusão dessas crianças nas escolas um pouco mais palpável (Marcolino; Castro, 2014).

Quando se fala na inclusão de crianças com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, cabe destacar importantes legislações ligadas ao tema, tal como a Lei 14.254/21 que foi publicada no Diário Oficial da União, a norma tem origem no Projeto de Lei 7081/10, do ex-senador Gerson Camata (ES), aprovado pela Câmara dos Deputados em 2018, ela determina que as escolas, tanto públicas quanto privadas, devem oferecer um acompanhamento específico e adequado, o mais cedo possível, para alunos que apresentam dislexia, TDAH ou outros transtornos de aprendizagem,

especialmente aqueles com dificuldades de atenção ou que enfrentam alterações no desenvolvimento da leitura e da escrita (Brasil, 2021).

Dessa maneira, levando em consideração estas dificuldades, evidencia-se a necessidade da utilização de ferramentas e estratégias capazes de proporcionar uma adaptação textual e escrita mais acessível, garantindo a acessibilidade informacional, uma vez que, a convivência não significa integração. Dentro desse contexto, o bibliotecário e a biblioteca escolar se apresentam como importantes na inclusão e promoção da acessibilidade, não só para as crianças com TDAH, mas para quaisquer crianças que apresente dificuldade de leitura (Martins, 2024).

Algo reforçado na Lei nº 14.837/2024 citada anteriormente, ela aborda a inclusão escolar de pessoas com deficiência, estabelecendo diretrizes para promover a educação inclusiva nas escolas, garantindo que estudantes com deficiência tenham acesso ao ensino regular de forma plena, com as adaptações necessárias para sua aprendizagem. Enfatizando a importância de oferecer suporte adequado aos alunos com deficiência, incluindo a disponibilização de recursos pedagógicos, materiais acessíveis, tecnologias assistivas, e o treinamento de professores para que possam atender às necessidades educacionais desses estudantes. Além disso, a lei também trata do fortalecimento da parceria entre escolas e famílias para garantir o acompanhamento e o progresso do aluno no ambiente escolar.

É preciso ressaltar que apesar das pessoas com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) no Brasil serem amparadas por algumas legislações que visam garantir seus direitos e promover a inclusão social e escolar. Ainda não existe uma legislação específica exclusivamente para o TDAH, o transtorno é abrangido por uma série de direitos e medidas gerais de inclusão que se aplicam a pessoas com deficiência e necessidades educacionais específicas.

4 O BIBLIOTECÁRIO ESCOLAR NA INCLUSÃO DOS ALUNOS COM TDAH

Nas instituições de ensino, há uma série de profissionais importantes para a formação integral dos alunos, entretanto, isso nem sempre é claro para quem atua neste segmento. No cotidiano educacional, há diversos profissionais que, embora não atuem diretamente na sala de aula, desempenham papéis fundamentais no processo de ensino e aprendizagem. O bibliotecário, por exemplo, é indispensável para transformar a biblioteca escolar em um espaço dinâmico e enriquecedor, promovendo

o acesso ao conhecimento e estimulando práticas educativas que vão além do ambiente tradicional de ensino.

Nesse contexto, Martins (2018, p. 83) contextualiza que:

O bibliotecário de hoje não se limita apenas a emprestar livros, fornecer informações e criar atividades sem conhecer os espaços educacionais, têm que exercer a profissão com essa visão psicopedagogia, de enxergar o aluno de forma mais orgânica, entender as dificuldades de aprendizagem, levando em consideração todos os ambientes em que os alunos participam (família, escola e a sociedade). Saber das necessidades, entender suas demandas informacionais e resolver conflitos.

Assim, de acordo com Cavalcante, Velanga e Pimenta (2020), apesar da rotina agitada do bibliotecário escolar, já que os mesmos, muitas vezes precisam dar conta de todos os processos referentes à organização e gestão da biblioteca, é extremamente importante que os bibliotecários atuem em projetos pedagógicos em parceria com coordenadores pedagógicos e professores, visando o melhor desenvolvimento e aprendizagem dos alunos, tornando a biblioteca um espaço de extensão da sala de aula.

Sendo assim, o Projeto Político Pedagógico (PPP), é um documento fundamental em instituições de ensino, pois define a identidade, os objetivos e as diretrizes pedagógicas de uma escola ou rede de ensino. Ele é norteado pela legislação educacional brasileira, como a **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB - Lei nº 9.394/1996)**, que determina a sua obrigatoriedade em todas as escolas (Brasil, 1996). É no projeto que contém as políticas de inclusão, uma vez que, é possível abordar estratégias para atender à diversidade, garantindo a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais e outras demandas específicas.

Dessa forma, é importante que a imagem do bibliotecário e o espaço de formação dos leitores possa ser pensado cuidadosamente, com a intenção de criar condições de simpatia e respeito. Para tanto, é essencial que o bibliotecário escolar perceba e se qualifique também como educador, entendendo a importância do processo de ensino-aprendizagem, incentivando a leitura e interagindo com seus usuários (Alves, 2017).

Contudo, para que essa interação seja igualitária e que atenda todos sem distinção, é necessário que o bibliotecário entenda as dificuldades e os desafios que possam aparecer, quando falamos de acessibilidade. Os alunos com TDAH, como já mencionado, precisam de uma atenção maior, já que para eles é bem mais difícil se

concentrar e manter a atenção durante as atividades que geralmente ocorrem dentro da sala de aula ou na biblioteca.

A leitura, por exemplo, pode ser uma grande barreira para quem tem TDAH, uma vez que, para compreender um conteúdo apresentado em um texto, é necessário que alguns processos cognitivos sejam simultâneos, como, por exemplo, aspectos linguísticos e semânticos. Outro ponto, é a questão da memória, muitas vezes, a memória é afetada, pelo fato da criança não ter a capacidade de concentração suficiente para assimilar a informação que está sendo transmitida, não conseguindo perceber detalhes suficientes para memorizar. Sendo assim, é possível afirmar que os alunos com TDAH raramente retêm informações durante a leitura. Além disso, também é comum que as crianças realizem a omissão ou substituição de algumas palavras, o que afeta o processo lexical e conseqüentemente, isso impacta negativamente na compreensão da leitura (Martins, 2024).

Então, na perspectiva da Associação Brasileira de déficit de atenção (2020, não paginado):

A criança com TDAH deve aprender aos poucos, e aplicar em seu dia-a-dia mais eficácia, ou seja, não apenas focar um processo ligado à tarefa, mas chegar a um resultado satisfatório, do que eficiência (aplicar muita energia, tempo, dedicação e empenho para a realização de uma determinada tarefa). Desta forma, o desgaste emocional será menor e os resultados, mais satisfatórios. Essa criança provavelmente realizará tarefas que proporcionam desafios e emoções, mesmo que sejam exaustivas, em condições muito melhores do que tarefas que lhe exijam concentração e tempo.

Seguindo tal lógica, é essencial que o bibliotecário escolar e o espaço da biblioteca sejam aliados desses alunos, é preciso que tanto a leitura como outras atividades sejam trabalhadas de forma lúdica, que de acordo com Pereira (2005, p. 20):

As atividades lúdicas são muito mais que momentos divertidos ou simples passatempos e, sim, momentos de descoberta, construção e compreensão de si; estímulos à autonomia, à criatividade, à expressão pessoal. Dessa forma, possibilitam a aquisição e o desenvolvimento de aspectos importantes para a construção da aprendizagem. Possibilitam, ainda, que educadores e educando se descubram, se integrem e encontrem novas formas de viver a educação.

Então, para crianças com TDAH, é interessante que o bibliotecário escolar foque em desenvolver atividades interativas, utilizando diversos recursos, como por exemplo: livros multissensoriais, livros com imagem, jogos educativos e dinâmicas que estimulem a participação ativa. Conforme evidenciado no Quadro 3, essas abordagens não apenas tornam a leitura mais atraente, mas também ajudam a manter

o foco e o interesse das crianças ao conectá-las de forma mais significativa ao conteúdo. Entre as sugestões apresentadas, destaca-se a criação de uma lista de “Coisas por fazer” na mesa, que ajuda a organizar as tarefas e a limitar a quantidade de materiais disponíveis, proporcionando a concentração.

Além disso, a implementação de sessões de leitura interativa e oficinas artísticas promovem um ambiente colaborativo e lúdico, essencial para crianças com TDAH, facilitando assim a aprendizagem e o desenvolvimento social. Propor atividades em pequenos grupos, como desafios literários e jogos educativos, também pode auxiliar na promoção do foco e da colaboração entre os alunos, criando um espaço acolhedor e estimulante. Assim como é fundamental criar um ambiente acolhedor e adaptado às necessidades dessas crianças, com espaços que permitam movimentação e evite distrações excessivas (Miranda; Braga; Cavalcanti, 2022).

Adicionalmente, é viável empregar métodos da “mediação de leitura”, tais como a utilização de fantoches, fantasias e materiais de fácil manipulação. Também é interessante envolver os alunos no decorrer da história, solicitando ações como pular em alguma parte da história ou cantar. O bibliotecário pode, também, assim como destacado no quadro 3, dividir as atividades em etapas menores, oferecendo intervalos regulares para ajudar na manutenção do foco e na prevenção de sobrecarga (Medeiros; Brandão, 2019).

Para além, com relação à mediação da leitura, o bibliotecário escolar pode trabalhar com a questão da representatividade, usando livros envolvendo personagens com características do transtorno do déficit de atenção e hiperatividade. Assim como, trazer reflexões após a história, com perguntas do tipo: O que vocês acham que o personagem pode fazer para melhorar sua concentração? Como podemos ajudar um amigo que tem o TDAH, assim como tal personagem? vocês acham que todos têm o mesmo jeito de aprender? Como podemos ajudar nossos amigos que aprendem de forma diferente? Essa é uma forma que o bibliotecário escolar pode encontrar para trabalhar e disseminar as informações corretas sobre a temática de forma lúdica.

Entretanto, de acordo com Pereira (2023, p. 9):

Nas escolas brasileiras, frequentemente deparamos com deficiências significativas em relação à infraestrutura, materiais didáticos e profissionais capacitados para atender às necessidades específicas dessas crianças. Isso culmina em um ambiente educacional que não está devidamente equipado para proporcionar o apoio necessário aos alunos com TDAH, prejudicando assim o pleno desenvolvimento de seus potenciais acadêmicos.

4.1 Educação continuada

No ambiente escolar, o bibliotecário desempenha um papel central ao promover a leitura, apoiar o desenvolvimento das habilidades de pesquisa e fomentar a curiosidade intelectual. No entanto, à medida que a educação e a tecnologia evoluem, é essencial que esses profissionais estejam sempre atualizados para atender às demandas de um mundo em constante transformação (Estevão; Silva, 2024).

Assim, os profissionais da educação Infantil têm uma grande responsabilidade, pois fazem parte do início da vida escolar dos pequenos, além disso, é o período mais importante para se diagnosticar o TDAH, já que a condição pode impactar os sujeitos durante todo o processo de ensino aprendizagem. Dessa forma, percebe-se a necessidade de capacitar os profissionais da educação para que saibam lidar adequadamente com o transtorno. A inclusão destas crianças se faz essencial já que todos os alunos são igualmente importantes.

Nessa perspectiva, o quadro a seguir mostra algumas possibilidades de cursos e especializações que tanto os bibliotecários escolares, quanto os educadores no geral atualmente podem fazer para ter uma capacitação no que se refere a inclusão dos alunos, que segundo Pereira (2023) é uma medida essencial para adotar práticas pedagógicas que atendam às necessidades das crianças no ambiente de aprendizado levando em consideração as características individuais dos alunos.

Quadro 5 - Cursos e especializações em inclusão

Curso/Especialização	Público-Alvo	Modalidade	Instituição	Conteúdo Principal	Informações Adicionais
Especialização em Educação Inclusiva	Educadores e Bibliotecários	EAD	IFRN (em parceria com UAB)	Atendimento a alunos com deficiência, autismo, transtornos funcionais e altas habilidades.	Gratuito, inscrições anuais. Mais informações IFRN-ZL Portal tps://ead.ifrn.edu.br/portal/inscricoes-abertas-para-especializacao-em-educacao-i

Pós-Graduação em Educação Especial na Perspectiva Inclusiva	Educadores e Bibliotecários	EAD	SENAC	Estratégias pedagógicas, tecnologias assistivas, legislação sobre inclusão, acessibilidade curricular.	Curso pago, com polos presenciais para suporte
Curso de Educação Especial Inclusiva	Educadores e Bibliotecários	Semipresencial	Cecierj	Políticas de inclusão, tecnologia assistiva, estratégias Cecierj Extension para diferentes tipos de necessidades educacionais especiais.	180 horas, trabalho final presencial no RJ.
Cursos Livres e Oficinas da Rede de Bibliotecas Inclusivas (FEBAB)	Bibliotecários e educadores que atuam em escolas	EAD	Acessibilidade em bibliotecas, promoção de práticas inclusivas, redes de apoio para compartilhamento de experiências.	Capacitação contínua, aberta a todos os interessados.	A Rede Brasileira de Bibliotecas Inclusivas tem como compromisso o compartilhamento de recursos, experiências e ações em prol da acessibilidade em bibliotecas
Formação Continuada em Educação Inclusiva	Professores, gestores escolares	Presencial e EAD	Secretarias de Educação (variadas)	Capacitação sobre inclusão e adaptação curricular, com ênfase em práticas pedagógicas inclusivas.	Disponíveis em programas regionais

Especialização em Educação Especial e Inclusiva	com foco em professores da rede pública de ensino	EAD	Universidade Estadual do Maranhão. programa uemanet	Este curso busca capacitar os profissionais para criar ambientes educacionais inclusivos, abordando questões teóricas e práticas da inclusão educacional	
Curso de Extensão em Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva		EAD	Universidade Estadual do Maranhão	Este curso visa apoiar os profissionais na implementação de práticas inclusivas, respeitando a diversidade dos alunos	

Fonte: elaborado pela própria autora, 2024.

Outrossim, como é possível observar no quadro, existe uma série de possibilidades para que os educadores e os bibliotecários de capacitem, uma vez que, a educação continuada permite ao bibliotecário escolar manter-se atualizado sobre tendências educacionais, políticas públicas de incentivo à leitura e novas metodologias de ensino que possam ajudar não só os alunos com algum tipo de transtorno como o TDAH, mas os alunos em geral. Essa atualização constante não beneficia apenas o profissional, mas toda a comunidade escolar, que se torna mais rica e dinâmica com a presença de um bibliotecário bem preparado e conectado às necessidades da contemporaneidade.

Para além dessas possibilidades, atualmente, pesquisando um pouco é possível também encontrar alguns cursos online e presenciais, além dos destacados no quadro, que oferecem capacitação para trabalhar com alunos com TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade). Estes cursos são voltados para educadores, psicopedagogos e profissionais interessados na área. Alguns deles como: a plataforma “Foco Educação Profissional” que disponibiliza um curso abrangente sobre

TDAH com enfoque na inclusão escolar, estratégias de ensino, e formas de lidar com alunos no ambiente educacional, a instituição Anhanguera Educacional que oferece a pós-graduação "Estratégias de Intervenção para TDAH e TOD", com foco em práticas inclusivas e metodologias de ensino. Com carga horária de 360 horas, dividida em módulos online, e inclui certificação válida. Além do Instituto Nacional de Ensino (INE) que oferece cursos de 240 horas sobre Transtornos de Desenvolvimento e TDAH, com foco na gestão em sala de aula e estratégias inclusivas.

Entretanto, o mais importante é que o Bibliotecário Escolar entenda que a educação continuada pode ser mais que uma obrigação, é uma oportunidade de crescimento pessoal e profissional. O bibliotecário bem preparado pode ser capaz de "[...] conscientizar e contribuir para a redução dos estigmas e da discriminação, criando um ambiente mais acolhedor e inclusivo para as crianças com TDAH e as demais" (Pereira, 2023. p. 14).

5 METODOLOGIA

Pesquisar é buscar conhecimentos, não se limita a uma simples ação, está ligado ao poder de descobertas. Dito isso, compreende-se que o ato de pesquisar é uma ação indispensável na formação acadêmica, uma vez que, ao ingressar no Ensino Superior, o graduando vai se inserir no contexto da produção científica.

Essa comunicação científica é parte integrante da produção de conhecimento, tendo como função disseminar estudos realizados no âmbito da ciência, contribuindo para o desenvolvimento das pesquisas, ao passo que exerce a função de troca das informações entre os pares de uma comunidade (Santos; Rosa, 2020, p. 45).

Dessa forma, para que a pesquisa alcance validação científica, é fundamental a adoção do método científico, pois ele permite prever, analisar e afirmar qualquer conhecimento de maneira lógica e passível de revisões.

Sendo assim, segundo (Ferreira, 2008, p. 6):

Os métodos são consideradas regras elaboradas em diferentes aspectos por diferentes autores, pensadores, cientistas e estudiosos de metodologia para estudar e explicar a humanidade, os fenômenos sociais ao longo dos séculos. O método será sempre um caminho seguro escolhido pelo pesquisador para responder ao objeto a ser estudado.

Nesse contexto, o estudo adotou a pesquisa descritiva de caráter bibliográfico, que, de acordo com (Gil, 2002, p. 42) "têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou, então, o estabelecimento

de relações entre variáveis”. Já no que se refere a pesquisa bibliográfica, consiste na busca, leitura e análise de materiais acadêmicos, livros, artigos, teses, dissertações e outros documentos que tratam sobre o tema de interesse do pesquisador. Nesta pesquisa destacou-se para a construção da base teórica, os autores como Silva (2024), Vasconcelos (2023), Barkley; Murphy (2008), Campello (2010), Antunes e Pimenta (2017).

O objetivo principal da pesquisa bibliográfica é identificar o estado da arte sobre um determinado assunto, ou seja, o que já foi estudado, publicado e discutido sobre o tema. Dessa maneira, Gil (2002) caracteriza as fontes bibliográficas como:

- a) **Fontes primárias:** São aquelas que trazem dados originais, sendo produzidas diretamente pelos autores. Exemplos incluem artigos de pesquisa, teses e dissertações.
- b) **Fontes secundárias:** São fontes que analisam e comentam as fontes primárias. Exemplos incluem livros de revisão ou capítulos de livros.
- c) **Fontes terciárias:** São fontes que organizam ou compõem informações de fontes secundárias, como enciclopédias e dicionários especializados.

Dessa maneira, para auxiliar a fundamentação teórica desta pesquisa, foi realizada uma pesquisa bibliográfica nas seguintes bases de dados: *Scientific SciELO*, BRAPCI e Capes. O processo de busca foi conduzido com base em critérios de seleção, como ano de publicação, termos-chave e relevância ao tema. Foram utilizados os descritores TDAH, inclusão, Bibliotecário Escolar, leitura e biblioteca escolar, com um recorte temporal de 2017 a 2024. A pesquisa foi realizada aplicando operadores booleanos *AND* e *E* para refinar os resultados.

Já com os dados obtidos, elaborou-se uma tabela contendo os materiais selecionados, organizados conforme sua relevância para os objetivos da pesquisa. Essa parte da pesquisa foi importante para perceber a falta de materiais bibliográficos sobre a temática, uma vez que, quando se colocava tanto “bibliotecário escolar e TDAH”, quanto “biblioteca escolar e TDAH”, os resultados eram zero. Apenas se obteve resultados pesquisando os descritores separadamente, ou colocando “Biblioteca Escolar *AND* Inclusão”, “Inclusão e TDAH”. Ou seja, materiais que tratavam diretamente sobre a temática não apareceram.

Além destas fontes citadas acima, foram consultadas Monografias, Teses e Dissertações sobre a temática, indexadas em repositórios institucionais como o da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Universidade Estadual do Maranhão

(UEMA), Universidade Federal do Ceará (UFC), a escolha do repositório desta instituição se deu pelo fato dos textos indexados aparecerem com frequência durante a pesquisa bibliográfica. É importante ressaltar a necessidade existente de recorrer a leitura de materiais bibliográficos produzidos em diversas áreas do conhecimento, dada a insuficiência de produção científica acerca do assunto. Alguns dos estudos pesquisados foram desenvolvidos pelas áreas da neurologia, pedagogia e psiquiatria.

Outrossim, este estudo também adotou pesquisa de campo, que segundo Gil (2002), é caracterizada como uma investigação realizada diretamente no local onde os fenômenos ocorrem, com o objetivo de coletar dados primários que possibilitem uma análise aprofundada da realidade estudada. Esse tipo de pesquisa envolve a observação direta dos fatos, entrevistas, questionários, análise documental e outras técnicas que permitam compreender as relações entre as variáveis do estudo.

Dessa forma, os sujeitos da pesquisa foram constituídos por bibliotecários escolares que atuam em instituições de ensino da Educação Básica, tanto públicas quanto privadas, em São Luís, abrangendo o Ensino Fundamental e o Ensino Médio.

5.1 Coleta dos Dados

Para a coleta de dados, foi utilizado um questionário estruturado, elaborado para capturar informações relevantes sobre as percepções e práticas dos bibliotecários escolares em relação à inclusão de alunos com TDAH. O questionário online, desenvolvido utilizando a ferramenta Google Forms, consistiu em 15 questões, abrangendo tanto perguntas abertas quanto fechadas. Essa estrutura mista permitiu coletar dados quantitativos e explorar as experiências e opiniões dos participantes qualitativamente.

Dessa forma, o questionário foi enviado por meio de plataformas digitais, como WhatsApp, email e Instagram aos participantes do dia 04 até 27 de janeiro de 2025. Essa abordagem facilitou o acesso dos sujeitos dessa pesquisa ao questionário, uma vez que, alguns foram enviados individualmente, com contato prévio e outros foram reencaminhados pelos bibliotecários que já haviam respondido ao questionário em grupos de bibliotecários escolares. O Instagram também foi uma rede social importante, pois através da página das instituições foi possível entrar em contato com mais participantes, culminando em um total de 22 respostas válidas. Assim, os dados coletados foram posteriormente organizados e analisados. A análise quantitativa possibilitou a identificação de tendências e padrões estatísticos, enquanto

a análise qualitativa ofereceu uma compreensão aprofundada das práticas e percepções dos bibliotecários em relação às suas capacitações e aos desafios no atendimento a crianças com TDAH. A aplicação do questionário com a comunidade participante exigiu tempo e persistência, uma vez que não houve retorno de alguns participantes até a data final do questionário.

Sendo assim, para garantir a confidencialidade dos participantes, todos serão identificados por uma letra seguida de um número (1, 2, 3, 4, 5), de forma sequencial, a partir da ordem de resposta ao questionário, conforme apresentado no quadro a seguir:"

Quadro 6 - Representação dos participantes

Participantes	Sigla/Ordem
Bibliotecário	B1
Bibliotecário	B2
Bibliotecário	B3
Bibliotecário	B4
Bibliotecário	B5
Bibliotecário	B6

Fonte: elaborado pela própria autora, 2024.

6 RESULTADOS E INTERPRETAÇÃO DE DADOS

Esta seção apresenta os resultados obtidos a partir da pesquisa sobre o papel do bibliotecário escolar na inclusão de crianças diagnosticadas com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). Os dados, como já citado, foram coletados mediante um questionário online elaborado e encaminhado por meio da plataforma *Google Forms* e analisados com base nos objetivos propostos neste estudo. A análise foi feita conforme as sessões elaboradas no próprio questionário, tais como: dados gerais e conhecimento sobre TDAH. É importante destacar que, antes de responder ao questionário, todos os Bibliotecários dessa pesquisa concordaram em assinar o Termo De Consentimento Livre E Esclarecido - TCLE, Apêndice-B.

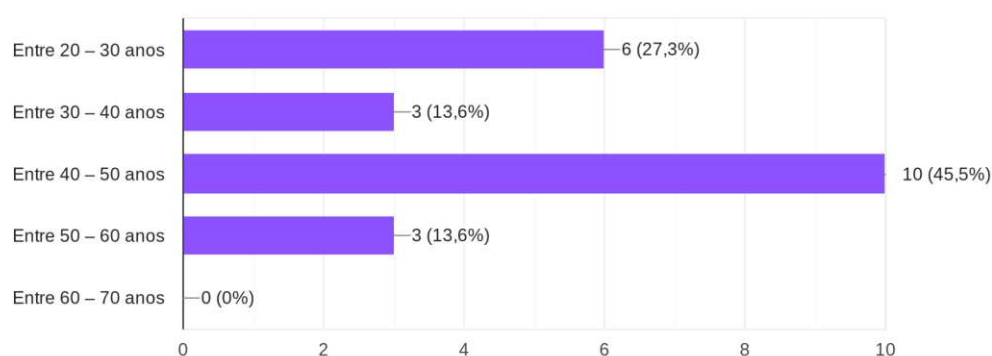
A plataforma utilizada para a aplicação do questionário disponibiliza automaticamente os gráficos com as respostas sistematizadas individualmente ou por

questões. Esses gráficos foram utilizados para uma melhor visualização dos resultados da investigação e, conseqüentemente, para a realização de uma melhor análise de dados.

Sendo assim, quanto à primeira pergunta, buscou compreender o perfil etário dos bibliotecários escolares participantes da pesquisa. O gráfico mostrou que a maioria dos respondentes está na faixa dos 40 – 50 anos, cerca de (45,5%) do total de 10 respostas, seguido por bibliotecários com 20 – 30 anos, totalizando (27,3%) de 6 respostas, consoante o gráfico 1

Gráfico 1 - Faixa etária dos bibliotecários escolares

01) Faixa etária
22 respostas



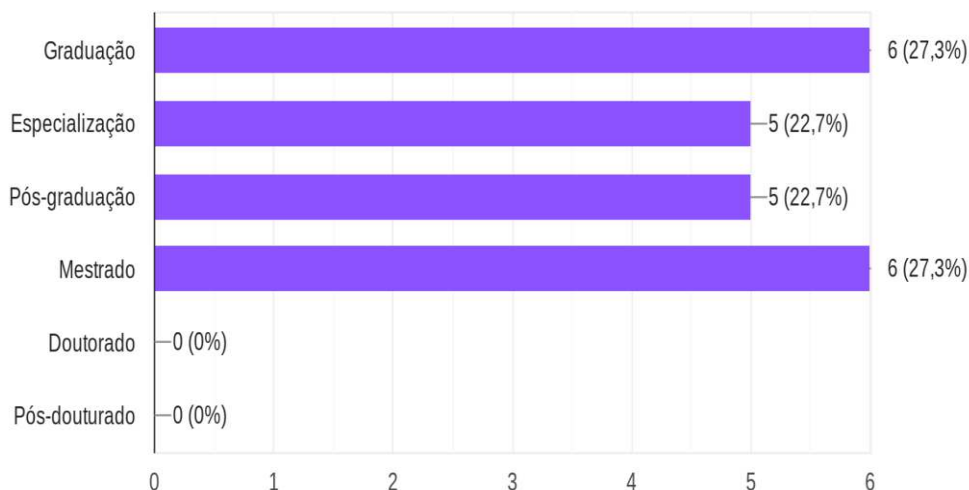
Fonte: Elaborado pela autora com base no questionário, 2025.

A segunda questão, que se refere à escolaridade dos bibliotecários, revelou diferentes graus de formação. Mas há uma tendência para educação continuada considerando que 6 responderam que possuem somente a graduação, cerca de (27,3%), empatando com o mestrado com também (27,3%), e seguindo com as demais qualificações soma-se o total de 16 respondentes (72,7%), como apresentado no gráfico 2:

Gráfico 2 - Escolaridade dos bibliotecários

02) Escolaridade

22 respostas



Fonte: Elaborado pela autora com base no questionário, 2025.

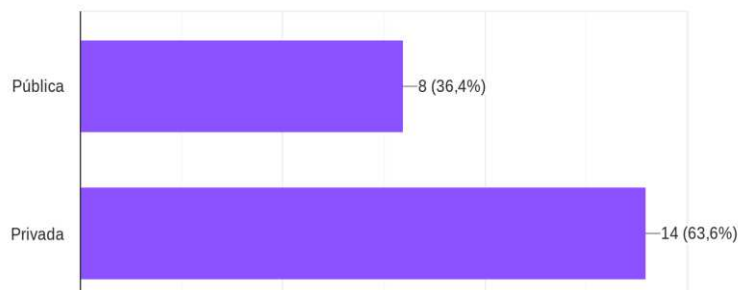
A capacitação e a educação continuada, como mencionado anteriormente por Pereira (2023), se destacam como importantes ferramentas de atualização para os bibliotecários. Essas estratégias não somente ajudam a apoiar os alunos com TDAH, mas também beneficiam toda a comunidade escolar, tornando o bibliotecário mais preparado para atender às diversas necessidades dos alunos. Assim, por meio da formação contínua, os bibliotecários se tornam mais aptos a atender às variadas necessidades dos alunos, desenvolvendo práticas inclusivas e adaptadas. Por exemplo, o quadro 3 de cursos e especializações em Inclusão ilustra diversas oportunidades de formação que visam capacitar bibliotecários escolares em metodologias e estratégias que promovem a inclusão efetiva. Nesse contexto, cursos como o oferecido pela **Anhanguera Educacional**, com a pós-graduação "Estratégias de Intervenção para TDAH e TOD", são extremamente relevantes.

Outrossim, visando diversificar as respostas e possibilitar uma comparação mais abrangente dos resultados, a pergunta 3 do questionário foi formulada para identificar se o bibliotecário atua em uma biblioteca escolar pública ou privada. Sendo assim, de 14 bibliotecários, cerca de (63,6%) sinalizaram que trabalham em instituições privadas, contra 8 de instituições públicas (36,4%), somando 22 respostas, segundo o gráfico 3:

Gráfico 3 - Tipo de biblioteca que o bibliotecário trabalha

03) A biblioteca em que você atua é?

22 respostas



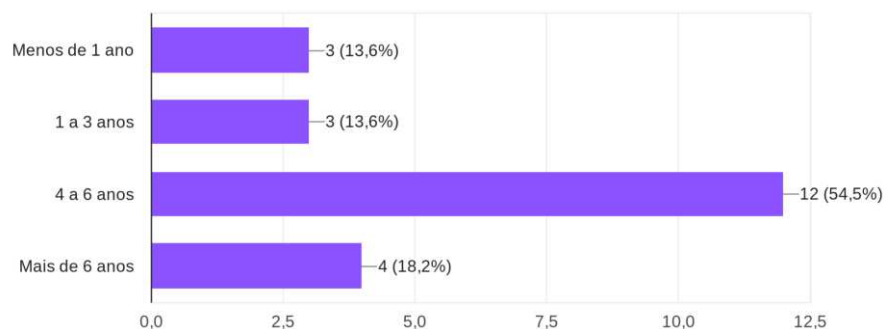
Fonte: Elaborado pela autora com base no questionário, 2025.

Em relação à questão quatro do questionário, que buscou identificar o tempo de experiência dos bibliotecários escolares, os resultados indicaram que a maioria possui entre 4 a 6 anos de atuação na área, correspondente a 12 respostas (54,5%). Além disso, uma proporção significativa possui mais de 6 anos de experiência, cerca de 4 respostas (18,2%). Por outro lado, a menor parte dos respondentes possui menos de 1 ano com 3 respostas ou entre 1 e 3 anos de experiência com 3 respostas, somado 6 respostas, totalizando 27,2%, como destacado no gráfico 4:

Gráfico 4 - Tempo de experiência como bibliotecário escolar

04) Há quanto tempo você trabalha como bibliotecário escolar?

22 respostas



Fonte: Elaborado pela autora com base no questionário, 2025.

A maioria dos bibliotecários escolares que participou da pesquisa possui uma experiência considerável, com a maioria tendo entre 4 a 6 anos de atuação, isso sugere um grupo com um bom nível de experiência em campo. E que estão no contexto das discussões atuais sobre a inclusão em todos os seus prismas, incluindo o TDAH. Sendo assim, Silva (2024) enfatiza que o conhecimento adquirido ao longo da experiência de trabalho pode ser uma base sólida para a aplicação de práticas

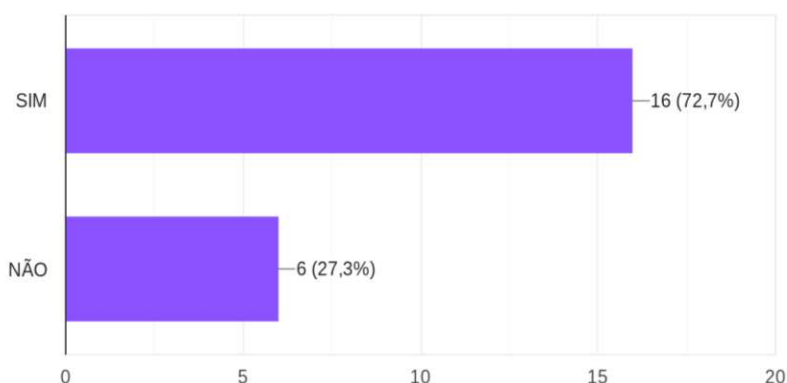
biblioteconômicas que atendam a diversidade de estudantes, incluindo aqueles com TDAH.

Nessa perspectiva, a segunda seção do questionário foi voltada a avaliar o nível de conhecimento dos bibliotecários escolares sobre o transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH). Para tanto, foi perguntado aos participantes se eles possuíam conhecimento sobre o Transtorno, e a maioria dos bibliotecários escolares que responderam à pesquisa (72,2%) afirmou possuir conhecimento sobre o TDAH, 16 respostas. Contra 27,3% dos respondentes que disseram não possuir conhecimento sobre a temática, 6 respostas, como mostra o gráfico 5:

Gráfico 5 - Conhecimento dos bibliotecários escolares sobre o TDAH

05) Você possui conhecimento sobre o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH)?

22 respostas



Fonte: Elaborado pela autora com base no questionário, 2025.

Entretanto, quando questionados sobre como estes bibliotecários descreveriam seu nível de conhecimento sobre o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), a maioria dos bibliotecários diz possuir um entendimento básico ou mediano, reconhecendo-o como um transtorno que afeta a atenção, o controle dos impulsos e o comportamento hiperativo. Algumas das respostas³ coletadas refletem essa questão:

Mediano. Tenho experiência com os usuários da biblioteca em que atuo, além de cursos feitos na área (B 1).

Geralmente realizo cursos sobre educação especial, pois hoje trabalhamos com uma escola inclusiva e o ambiente da biblioteca escolar trabalha com todos os usuários, independente das suas necessidades ou dificuldades (B2).

Pouco conhecimento (B 3).

³ As informações obtidas por meio do questionário aplicado foram extraídas exatamente como os bibliotecários responderam, com correções apenas de eventuais erros de digitação, por questões gramaticais. Todas as respostas foram apresentadas como citações longas, preservando o anonimato dos participantes.

Básico, pois como tenho pessoas na família com TDAH, sempre tentei me manter informada sobre o assunto, mas é atualmente o trabalho que me motiva a estar mais por dentro desse tópico (B 4).

Baixo (B 5 e B 17).

Médio, procuro me manter informada sobre questões como estas (B 6).

Básico (B 7; B 8 e B 18).

Não tenho conhecimento (B 9; B 15 e B 19).

Médio (B 10; B 12 e B 20).

Conhecimento básico sobre o assunto (B 11).

Mediano, mas tenho procurado saber mais sobre o assunto (B 13).

Eu diria que meu conhecimento sobre o TDAH é bem básico. Não sei muitos detalhes sobre os tratamentos ou as causas exatas (B 14).

Intermediário (B 16).

Não é suficiente para entender e lidar com esses transtornos (B 21).

Sei pouco sobre o assunto (B 22).

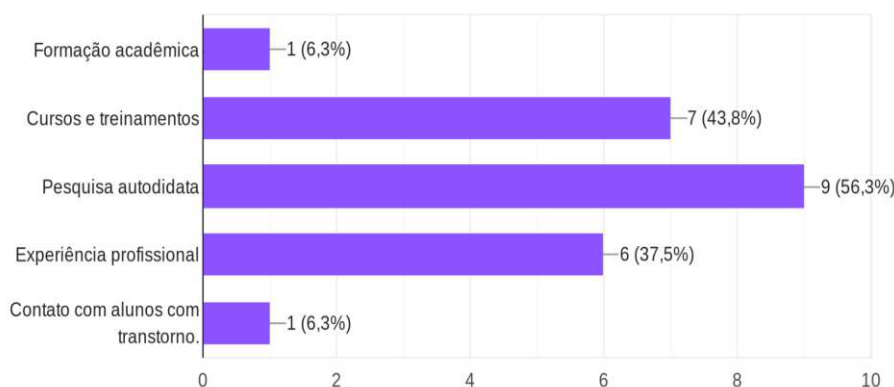
Analisando as respostas dos bibliotecários, fica evidente que muitos possuem apenas conhecimento básico sobre a temática, seja por experiência profissional ou pessoal. Nesse contexto, é fundamental que os bibliotecários compreendam adequadamente as necessidades e características dos estudantes, a fim de adotarem abordagens mais eficazes e inclusivas. Conforme destacado por Martins (2024), a biblioteca escolar deve ser não somente um espaço de aprendizado, mas também um ambiente acessível e acolhedor para todos os alunos. Para que isso se concretize, é necessário estar atento às demandas específicas de cada grupo. Independentemente das particularidades individuais, o acesso aos recursos e a participação nas atividades devem ser garantidos a todos, sem limitações. Um bibliotecário atualizado e consciente dessa responsabilidade é um passo essencial para alcançar esse objetivo.

Sob essa ótica, ao buscar compreender, ainda, sobre o nível de conhecimento dos bibliotecários escolares sobre o TDAH, questiona-se onde esses profissionais adquiriram tais informações. Nessa questão, o participante poderia colocar mais de uma alternativa, como destacado no gráfico 6:

Gráfico 6 - Fonte de informação sobre o TDAH

07) Caso sua resposta da 5 questão tenha sido "Sim", de onde você adquiriu esse conhecimento?

16 respostas



Fonte: Elaborado pela autora com base no questionário, 2025.

Conforme o gráfico, 9 respondentes falaram que adquiriram conhecimento mediante pesquisa autodidata (56,3%), seguido por cursos e treinamentos com 7 respostas (43,8%) e experiência profissional com 6 respostas (37,5%). A formação acadêmica e o contato com alunos com transtorno foram as fontes menos citadas, cada uma com (6,3%) cada. A predominância de conhecimento básico ou mediano sobre TDAH, como exposto anteriormente, parece estar relacionada às fontes de conhecimento mais comuns entre os participantes (pesquisa autodidata e cursos/treinamento). Essas fontes, embora valiosas, podem não proporcionar um entendimento completo ou especializado do transtorno. Além disso, a baixa porcentagem de formação acadêmica e contato direto sugere uma possível lacuna no conhecimento mais aprofundado e na experiência prática, apesar de atualmente existirem várias maneiras de se atualizar profissionalmente quanto à temática, como destacado no quadro 3 de cursos e especializações em inclusão.

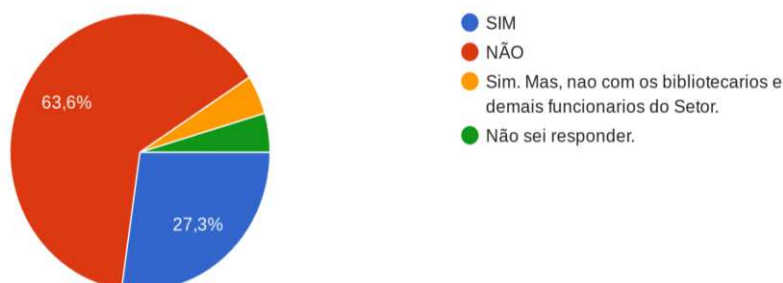
Outro ponto relevante é compreender se as instituições que esses bibliotecários atuam têm como objetivo incentivar ou fornecer conhecimento sobre o TDAH, uma vez que, como já mencionado pelo protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas do Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade de 2022, a escola desempenha um papel crucial no diagnóstico e no apoio aos alunos com TDAH. O protocolo enfatiza que, além da intervenção médica, a colaboração entre escola, família e profissionais de diversas áreas é essencial para garantir que esses alunos recebam o acompanhamento adequado e o suporte necessário para seu desenvolvimento.

Nesse contexto, uma das perguntas do questionário buscou ter uma visão sobre esse aspecto, como mostra o gráfico 7:

Gráfico 7 - Formação nas escolas sobre TDAH

08) A escola em que trabalha já realizou alguma formação sobre a inclusão de alunos com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade?

22 respostas



Fonte: Elaborado pela autora com base no questionário, 2025.

Consequentemente, a maioria dos respondentes (63,6%) afirmou que a escola não realizou nenhuma formação sobre a inclusão dos alunos com TDAH. Uma parcela menor (27,3%) respondeu que houve formação. Entretanto, houve uma ressalva de (1,5%) dos que não souberam responder e também (1,5%) que afirmou que houve formação, mas não com os bibliotecários e demais funcionários do setor.

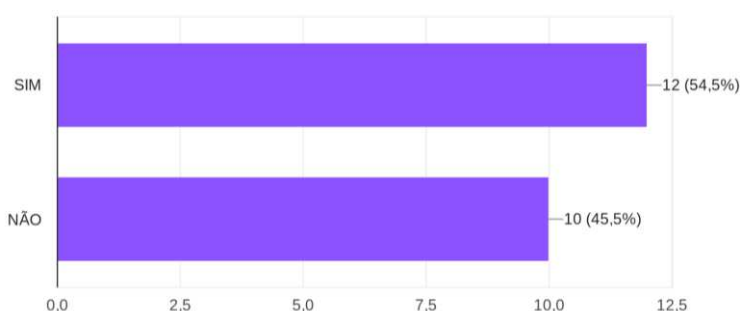
Essa evidência de falta de formação institucional reforça a análise de Vasconcelos (2023), que menciona o despreparo profissional gerado pela insuficiência na formação de educadores para lidar com a inclusão de crianças com dificuldades de aprendizagem. Assim, a carência de programas de formação adequados se alinha diretamente com as dificuldades enfrentadas pelos bibliotecários, conforme relatado. Essa ausência de preparo é uma das barreiras mais significativas ao trabalho inclusivo nas bibliotecas escolares.

Além da escola, o questionário buscou verificar se os bibliotecários já participaram de algum curso ou palestra sobre o transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, como destacado no gráfico 8:

Gráfico 8 - Participação dos bibliotecários em palestras/cursos

09) Já participou de algum curso ou palestra relacionado ao transtorno de déficit de atenção e hiperatividade?

22 respostas



Fonte: Elaborado pela autora com base no questionário, 2025.

Doze respondentes (54,5%) afirmaram ter participado de cursos ou palestras sobre o tema, enquanto (45,5%) 10 respostas não tiveram essa experiência. Embora os que afirmaram ter tido algum contato com o assunto, ainda há uma parcela significativa sem essa oportunidade, evidenciando a necessidade de ampliar a oferta e a divulgação de formações na área.

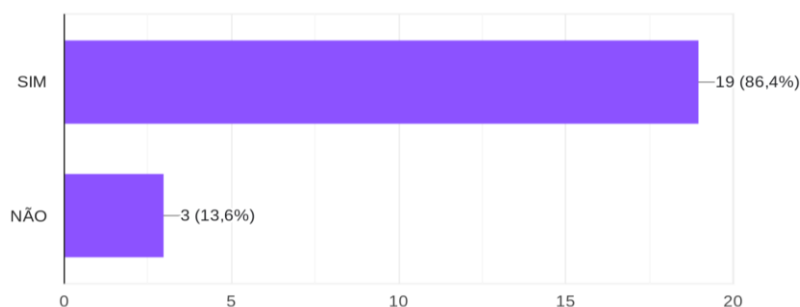
Estes dados estão em consonância com a argumentação de Vasconcelos (2023), que enfatiza a necessidade de capacitação contínua dos bibliotecários para que eles possam lidar adequadamente com a diversidade de necessidades que encontram nas escolas, especialmente no que diz respeito a alunos com TDAH. A participação em treinamentos e palestras é crucial para que os bibliotecários possam se atualizar sobre metodologias inclusivas e práticas pedagógicas adequadas.

Ademais, buscando identificar o que o Bibliotecário Escolar faz com relação às atividades lúdicas de leitura que estimulem o desenvolvimento e aprendizado desse público, foi questionado aos bibliotecários escolares se na escola onde trabalham possuem espaço para o desenvolvimento destas atividades lúdicas como destacado no gráfico 9:

Gráfico 9 - Espaço para desenvolvimento de atividades lúdicas de leitura

10)A biblioteca em que trabalha possui espaço para desenvolvimento de atividades lúdicas de leitura?

22 respostas



Fonte: Elaborado pela autora com base no questionário, 2025.

Logo, a grande maioria dos respondentes, 19 respostas (89,4%) afirmou que a biblioteca onde trabalham possui espaço para o desenvolvimento de atividades lúdicas de leitura, contra (13,6%), cerca de 3 respostas destacaram não possuir esse tipo de espaço na biblioteca.

Esses resultados são encorajadores, ao indicarem que muitas bibliotecas estão, pelo menos fisicamente, preparadas para promover experiências de aprendizagem mais lúdicas e dinâmicas. Além disso, Miranda, Braga e Cavalcanti (2022) destacam que um ambiente acolhedor, adaptado às necessidades das crianças com dificuldades de aprendizagem, é essencial para o sucesso da inclusão.

Ademais, para além do espaço, o questionário buscou identificar quais têm sido as estratégias ou abordagens que os bibliotecários escolares têm utilizado para incentivar a leitura e a participação dos alunos com TDAH na biblioteca.

Dessa forma, entre as respostas analisadas, percebe-se que muitos profissionais não utilizam ferramentas específicas, mas adotam práticas que podem beneficiar esses alunos, como clube de leitura, contação de histórias e jogos. Além disso, há uma preocupação em criar um ambiente acolhedor e atrativo, destacando-se a realização de leituras em voz alta, como destacado em algumas respostas a seguir:

Atividades práticas de leitura, com competições em grupo, desafio literário, sempre deixando que o usuário se expresse como achar melhor (B 1).
Utilizamos atividades lúdicas, jogos, apresentações teatrais, atividades de leitura diferenciadas como caça aos livros, cineminha, saídas de estudo, etc (B 2).
Leitura lúdica (B 3).
Faço sessões de leitura individual, principalmente com alunos em fase de alfabetização (B 4).
Até o momento, a biblioteca não atendeu alunos com TDAH e hiperatividade (B 5).

Busco trabalhar com leituras mais curtas e interativas para manter a atenção dos usuários (B 6).

Histórias lúdicas e jogos manuais (B 7).

Não, só uso livros mais curtos (B 8).

Não utilizo ferramentas específicas, mas desenvolvo atividades como clube do livro e contação de histórias (B 9).

Materiais organizados de forma clara no acervo (B10).

Levar para um espaço longe de distrações visuais e principalmente sonoras; uso de livros mais interativos com ilustrações; histórias curtas; revistas em quadrinhos e livros com a temática que interesse o aluno (B 11).

Por meio de abordagem junto aos estudantes e informativos sobre as publicações disponíveis na Biblioteca (B 13).

Tento fazer atividades mais dinâmicas, como jogos ou discussões em grupo, para manter o interesse. Às vezes, ofereço recompensas para motivá-los a completar tarefas. Mas ainda estou aprendendo sobre as melhores maneiras de ajudar (B 14).

Materiais adaptados e foco nos interesses de leitura dos estudantes com TDAH (B 16).

Apesar de não entender muito sobre o TDAH, trabalhamos como alunos com outras comorbidades, então temos livros com linguagem mais simples e com imagens (B 17).

Para incentivar a leitura e a participação dos alunos, busco criar um ambiente acolhedor e atraente, realizando principalmente leituras em voz alta. (B 19).

Não, mas utilizo livros bem coloridos que prendem a atenção (B 20).

Esses alunos são acolhidos pela Biblioteca, é dada a eles uma atenção especial para se sentirem à vontade com o espaço, o acervo e os serviços da Biblioteca (B 21).

Atividades de incentivo à leitura, como: roda de leitura; leitura de livros menos densos; vídeos (B 22).

Além disso, outro ponto que se destacou foi que alguns bibliotecários escolares buscam trabalhar em colaboração com a equipe pedagógica nas atividades desenvolvidas para os alunos com TDAH da escola. Como mencionado anteriormente por Cavalcante, Velanga e Pimenta (2020), essa parceria é de extrema importância ao visar o melhor desenvolvimento e aprendizagem dos alunos. As respostas a seguir evidenciam essa parceria:

Busco realizar atividades em conjunto com a equipe pedagógica, para tentar incluir a todos (B 18).

Em parceria com a equipe psicopedagógica, busco criar um ambiente estimulante e materiais variados (B 14).

Entretanto, em oposição, alguns bibliotecários escolares responderam que não desenvolvem nenhuma atividade para esse público, uma vez que a escola disponibiliza um setor destinado ao atendimento dessas crianças. Como destacado a seguir:

Nenhuma, pois na escola tem o setor que cuida de alunos com TDAH (B 12).

Nenhuma. Na escola, há psicopedagogas e pessoas designadas de clínicas para atendimento aos alunos com TDAH (B 15).

Nesse contexto, percebe-se que essas respostas são preocupantes, pois, como já indicado por Ferreira (2022), as bibliotecas escolares têm uma função social

essencial: atender às necessidades de seus usuários, promovendo o aprendizado e desempenhando um papel educativo, informativo e recreativo. Então, buscar parceria com esses setores e trazer esses alunos para dentro da biblioteca é algo essencial e de extrema importância.

Outrossim, buscou-se saber também se estes bibliotecários usam algum tipo de material ou recurso específico, caso precisem utilizar para utilizar com os alunos com TDAH. A maioria afirmou não utilizar material específico para esse público, entretanto, recorrem a livros com uma linguagem mais simples, curtos e coloridos para chamar atenção, como destacado a seguir:

Não (B 1; B 10; B 11; B 12; B 13; B 15; B 19 e B 21).

Sim, todas as atividades de leitura são realizadas com recursos pedagógicos como teatro de sombras, bingos literários, ou seja, depois das atividades de leitura realizamos uma atividade relacionada ao livro que pode ser uma pintura, um caça, adivinhações, um trabalho de artes com reciclagem, entre outras (B 2).

Recurso didático (B 3).

Não utilizo nenhum recurso específico (B 4).

Até o momento, não (B 5).

Apenas os livros mais curtos e organização do espaço (B 6).

Jogos de palavras ou da memória, visuais e recursos atrativos, musicalidade e atividades em grupo de acolhimento, chamando o aluno para dentro da história (B 7).

Não, só uso livros mais curtos (B 8).

Não utilizo ferramentas específicas, mas desenvolvo atividades como clube do livro e contação de histórias (B 9).

Eu não uso nenhuma estratégia específica, porque não sei muito sobre o TDAH. Mas talvez eu tentasse escolher livros curtos e com histórias que chamassem a atenção dos alunos (B 14).

Os recursos pedagógicos são elaborados pelas tutoras para auxiliar no processo de ensino e aprendizagem desses estudantes (B 16).

Apenas os livros com linguagem simples (B 17).

A orientação da equipe é por atividades em grupo, com material mais curto e interativo. Como livros fantoches (B 18).

Não, mas utilizo livros bem coloridos que prendem a atenção. (B 20).

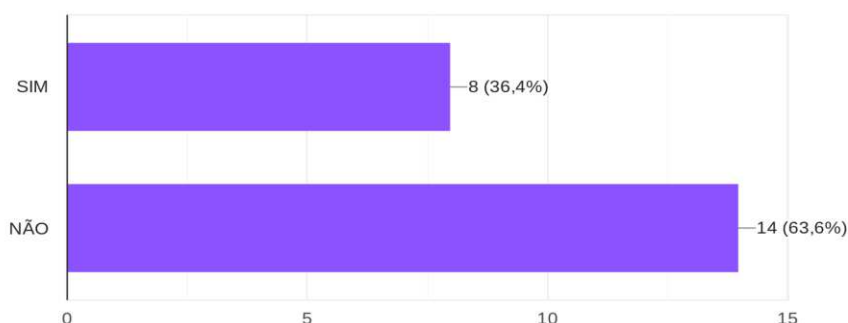
Utilizo livros com poucas páginas (B 22).

Ademais, buscou-se compreender se os bibliotecários escolares e as bibliotecas estão preparados para acolher alunos com TDAH. Para isso, questionou-se se há o desenvolvimento de projetos ou ações voltadas à inclusão desse público. Os resultados apontam que a maioria dos bibliotecários, 14 respostas (63,6%), afirmou não realizar iniciativas desse tipo, enquanto apenas 36,4%, 8 respostas relataram promover ações inclusivas, como mostra o gráfico 10:

Gráfico 10 - Inclusão dos alunos com TDAH na biblioteca escolar

13) A Biblioteca em que trabalha desenvolve algum projeto ou ações para incluir os alunos com TDAH?

22 respostas



Fonte: Elaborado pela autora com base no questionário, 2025.

Essa questão vai ao encontro da Lei Brasileira de Inclusão, mencionada anteriormente, que, no contexto educacional, destaca-se a importância de promover a participação ativa de crianças com TDAH em escolas regulares. A legislação ressalta a necessidade de adaptar o ambiente escolar, incluindo a biblioteca, para atender às demandas desses alunos, assegurando uma educação de qualidade e verdadeiramente inclusiva. Se a biblioteca não desenvolve ações para incluir esses alunos, acaba limitando o acesso equitativo aos recursos educacionais e culturais, dificultando seu aprendizado e participação ativa no ambiente da biblioteca. A ausência de iniciativas voltadas à inclusão pode reforçar barreiras que impedem o pleno desenvolvimento acadêmico e social desses estudantes. Algumas falas reforçam essa questão:

Não (B 5; B 9; B 10; B 11; B 12; B 15; B 19; B 21 e B 22).

Não desenvolve, mas são planos para o futuro (B 4).

A biblioteca em que trabalho não desenvolve atividades para esse público, mas seriam planos para o futuro (B 14).

A resposta foi não (B 24).

Não, porém, desenvolvemos ações focadas na inclusão dos alunos com autismo, como o projeto de conscientização no mês de abril (B 17).

Entre os bibliotecários que tentam, ou que afirmam, desenvolver projetos e ações para a inclusão de alunos com TDAH, alguns destacaram as iniciativas que têm implementado para atender a essa demanda, como ilustrado nas seguintes falas:

Todas as atividades são pensadas na pluralidade dos alunos, porque, em uma turma de 35 alunos, pelo menos 5 têm TDAH. Além disso, faço parceria com psicólogos e psicopedagogos para reforçar o trato com os alunos que tenham TDAH, bem como TEA e TOD (B 1).

Todas as turmas têm horário fixo na biblioteca, no qual todas as crianças são atendidas. Leitor do mês, bate-papo literário (encontro com escritor), saídas de estudo - visitamos espaços culturais e museus (B 2).

Leitura (B 3).

Apesar de não termos formação exclusivamente sobre o TDAH, buscamos uma vez por mês selecionar um livro mais curto e interativo para leitura em grupo com as crianças (B 6).

Não desenvolvemos atividades diferentes, específicas para esse público, mas buscamos envolver na atividade realizada para o grupo como um todo (B 7).

Não, só uso livros mais curtos (B 8).

Palestras, rodas de conversa, feiras (B 13).

Projeto Sacola de Leitura, Projeto Encontro Mágico, Hora do Conto, Passaporte de Leitura, entre outros (B 16).

Desenvolvemos ações com jogos da memória buscando o foco e concentração (B 18).

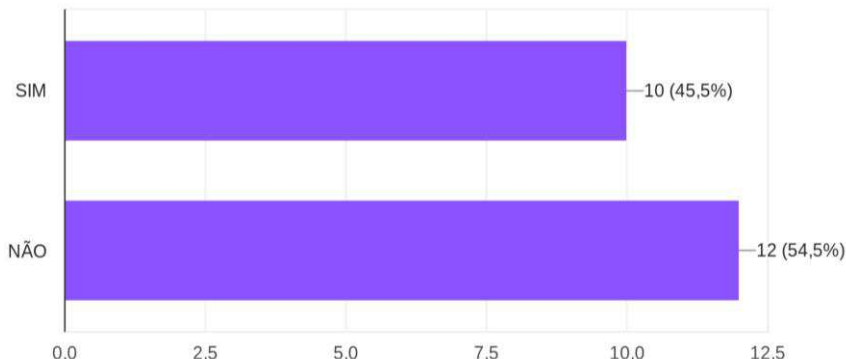
Buscamos realizar ações com a equipe psicopedagogia mesmo (B 20).

Sob esse viés, foi questionado aos bibliotecários escolares se o espaço da biblioteca em que trabalham possui adaptações que favorecem a inclusão de alunos com TDAH, como, por exemplo: ambientes tranquilos, materiais específicos, como destaca o gráfico 11:

Gráfico 11 - Adaptações que favorecem a inclusão de alunos com TDAH na biblioteca escolar

15) O espaço da biblioteca possui adaptações que favorecem a inclusão de alunos com TDAH (exemplo: ambientes tranquilos, materiais específicos)?

22 respostas



Fonte: Elaborado pela autora com base no questionário, 2025.

Sendo assim, o gráfico destaca que (54,5%), cerca de 12 respostas indicam que o espaço da biblioteca não possui adaptações específicas para os alunos com TDAH, como ambientes tranquilos, salas individuais ou materiais especializados. Por outro lado, (45,5%), 10 respondentes afirmam que sim. Nessa perspectiva, essa discrepância sugere uma variação significativa na oferta de recursos inclusivos, evidenciando que, enquanto algumas bibliotecas buscam atender às necessidades desse público, outras ainda carecem de ajustes para garantir um ambiente mais acessível e acolhedor.

Dessa forma, buscando entender um pouco mais sobre a opinião dos bibliotecários escolares, ou até mesmo saber de algum caso específico, a última questão do formulário ficou aberta para que estes pudessem fazer algum comentário ou observação sobre o atendimento a alunos com TDAH na biblioteca escolar.

Foram obtidas respostas variadas, como demonstram as falas a seguir⁴:

Para que possa sugerir algo é necessário estudos específicos sobre o assunto. Lembrar que a biblioteca faz parte da escola e que o bibliotecário sozinho não tem como adaptar o ambiente se não for de interesse da instituição (B 15).

Cada estudante com TDAH é único e possui interesses diferenciados, por isso deve-se respeitar a individualidade e direcionar as ações para o melhor atendimento às necessidades cognitivas e educacionais (B 16).

É muito importante trabalhar a inclusão e ser de fato atuante, algo que nossa área ainda deixa a desejar (B 18).

Acredito que a biblioteca escolar precisa de adaptações para o atendimento desses usuários com transtorno, tanto quanto ao espaço físico, materiais e humanos (B 19).

Acredito que o tema ainda é pouco discutido, precisando de mais visibilidade entre as pessoas (B 21).

Um tema muito pertinente para atualidade que é um problema da contemporaneidade (B 22).

Essas diferentes experiências evidenciam tanto os desafios enfrentados quanto às práticas implementadas, sinalizando a necessidade de discutir e desenvolver estratégias que ampliem a inclusão de alunos com TDAH no contexto educacional e bibliotecário.

6.1 Uma proposta de intervenção

A inclusão de crianças diagnosticadas com TDAH nas bibliotecas escolares exige a implementação de estratégias planejadas e estruturadas, de modo a criar um ambiente acolhedor e estimulante. Com base nas respostas dos bibliotecários analisadas, propõe-se um conjunto de ações voltadas para capacitação profissional, adaptação de espaços, desenvolvimento de recursos específicos, promoção de atividades lúdicas, criação de projetos inclusivos, monitoramento contínuo e sensibilização da comunidade escolar.

Primeiramente, a capacitação e formação continuada dos bibliotecários é essencial para prepará-los no atendimento às necessidades específicas de alunos com TDAH. Recomenda-se a oferta de treinamentos regulares sobre o transtorno e

⁴ A última questão ficou aberta para quem quisesse deixar algum comentário ou observação sobre o atendimento a alunos com TDAH na biblioteca escolar. Desse modo, destacou-se apenas os bibliotecários que responderam.

suas particularidades, abordando estratégias de mediação de leitura e práticas inclusivas. Parcerias com especialistas, como psicólogos e psicopedagogos, podem fortalecer essa formação por meio de workshops e palestras. Além disso, a criação de um guia de boas práticas para o atendimento de crianças com TDAH seria uma ferramenta importante para apoiar os bibliotecários em suas ações diárias.

A adaptação do espaço físico da biblioteca também desempenha um papel fundamental, uma vez que a acessibilidade arquitetônica contempla a eliminação de barreiras físicas que impeçam a locomoção das pessoas em espaços públicos e privados, Bezerra (2022).

Para atender às necessidades desse público, é crucial implementar áreas tranquilas e organizadas, com algum nível de isolamento acústico e baixa distração visual (como as salas de estudo individuais ou em grupos menores). A disponibilidade de mobiliário adaptado, como cadeiras ergonômicas e mesas ajustáveis, pode favorecer o conforto e a concentração das crianças. Elementos visuais, como estantes rotuladas e mapas do ambiente, auxiliam na orientação e organização, tornando o espaço mais acessível.

Paralelamente, é importante investir no desenvolvimento de recursos específicos que estimulem o aprendizado e a interação dos alunos. Livros com textos curtos e interativos, histórias em quadrinhos, audiolivros e ferramentas tecnológicas, como aplicativos educacionais, podem ser incorporados ao acervo. Além disso, kits pedagógicos contendo jogos de memória, materiais sensoriais e quebra-cabeças são úteis para engajar os alunos de forma lúdica, assim como destacado no quadro 3 Medidas para tratamento de TDAH.

As atividades lúdicas inclusivas são outra dimensão essencial. Sessões de leitura interativa, contação de histórias dramatizadas e oficinas artísticas ajudam a manter o interesse e a participação das crianças. Atividades em pequenos grupos, como desafios literários e jogos educativos, promovem o foco e a colaboração, enquanto oficinas artísticas e culturais oferecem oportunidades para a expressão criativa.

A criação de projetos permanentes também contribui para institucionalizar a inclusão na biblioteca. O projeto "Leitura para Todos", por exemplo, poderia incluir um cronograma fixo de atividades que envolvessem alunos com TDAH. Mostras literárias inclusivas e programas de mentorias, nos quais alunos mais velhos auxiliam os mais

jovens durante as atividades, são iniciativas valiosas para fortalecer o senso de comunidade e pertencimento.

Além disso, o monitoramento e a avaliação das ações são cruciais para garantir que as iniciativas estejam sendo eficazes. A criação de um sistema de feedback contínuo permite aos bibliotecários avaliarem as práticas e ajustarem as estratégias. Questionários aplicados a alunos, pais e professores podem fornecer visões importantes sobre o impacto das intervenções, enquanto relatórios anuais documentam as práticas bem-sucedidas e fomentam a troca de experiências entre instituições.

Contudo, a sensibilização da comunidade escolar é indispensável para consolidar a inclusão. Campanhas de conscientização sobre o TDAH, reuniões com professores e pais para discutir estratégias de apoio e o incentivo à participação de voluntários nas atividades da biblioteca podem fortalecer a rede de apoio às crianças com TDAH. Em resumo, essa proposta busca transformar a biblioteca escolar em um espaço verdadeiramente inclusivo, onde crianças diagnosticadas com TDAH possam se desenvolver e se sentir valorizadas. A implementação dessas ações requer o compromisso de bibliotecários, professores, gestores escolares e famílias, criando um ambiente colaborativo que favoreça a inclusão e a aprendizagem de todos.

7 CONCLUSÃO

Esta pesquisa teve como objetivo geral analisar as estratégias adotadas por bibliotecários escolares do Ensino Fundamental e Médio de instituições públicas e privadas de São Luís para incluir alunos com TDAH no espaço físico da biblioteca e em atividades lúdicas. Os resultados evidenciam que, embora haja um reconhecimento crescente da necessidade de inclusão, ainda existem barreiras significativas que os bibliotecários enfrentam, como a falta de formação específica e o despreparo para lidar com as particularidades dessas crianças. Muitos bibliotecários relataram se esforçar, como a realização de clubes de leitura e contação de histórias, embora as iniciativas não sejam sistemáticas nem sempre focadas especificamente nas necessidades dos alunos com TDAH.

Primeiramente, ao avaliar como as crianças diagnosticadas com TDAH estão sendo incluídas nas atividades da biblioteca, constatou-se que, apesar de alguns bibliotecários estarem implementando iniciativas lúdicas e acolhedoras, a maioria das

bibliotecas ainda não desenvolve práticas sistemáticas que garantam a inclusão efetiva desse público. As respostas obtidas evidenciaram a necessidade de fortalecer esses espaços com ações planejadas e inclusivas.

Em segundo lugar, ao constatar se os bibliotecários escolares e as bibliotecas estão aptos para receber esse público, a pesquisa confirmou a relevância da capacitação dos bibliotecários, identificando que muitos profissionais se sentem despreparados para atender as necessidades específicas desses alunos, destacando a importância de programas de formação continuada que abrange desde o conhecimento sobre o TDAH até técnicas de mediação de leitura inclusiva.

Além disso, a pesquisa demonstrou que a formação contínua dos profissionais da informação é crucial. O conceito de educação continuada não é apenas uma recomendação, mas uma necessidade premente para os bibliotecários poderem ser agentes de transformação e inclusão nas escolas. Ao se capacitar para atender às necessidades específicas dos alunos com TDAH, os bibliotecários se tornam essenciais na construção de um espaço que não apenas informa, mas que também educa e empodera.

Para além, destaca-se que a adaptação do espaço físico da biblioteca para esses alunos ainda é bastante tímida. Sendo assim, a proposta de criação de áreas tranquilas e organizadas, acompanhada da oferta de recursos didáticos diversificados, pode contribuir significativamente para melhorar a experiência de aprendizado de crianças com TDAH.

Outrossim, no que se refere a identificação do que o bibliotecário escolar tem feito com relação às atividades lúdicas de leitura que estimulem o desenvolvimento e aprendizagem desse público, destacou relatos sobre o uso de recursos mais simples e coloridos, por exemplo, evidenciando uma tentativa de engajamento, porém, ainda carecem de uma abordagem mais intencional, evidenciando a necessidade de ampliar essas ações e incorporá-las de maneira mais integrada e sistemática nas atividades da biblioteca.

Fica evidente que é fundamental a sensibilização da comunidade escolar em torno do TDAH e a promoção de iniciativas que visem à inclusão. A interação entre bibliotecários, professores, familiares e a comunidade pode contribuir para a construção de um ambiente de apoio que favoreça o desenvolvimento acadêmico e social dessas crianças.

Este trabalho destacou que a inclusão de crianças com TDAH nas bibliotecas escolares deve ser uma prioridade, exigindo um compromisso coletivamente compartilhado por todos os profissionais envolvidos na educação. As bibliotecas têm o potencial de se tornar espaços de diversidade, respeito e aprendizado, onde cada criança possa ser valorizada em sua singularidade e potencial.

É imperativo que a temática da inclusão de alunos com TDAH seja debatida com mais profundidade na área da Biblioteconomia. A análise realizada neste trabalho revelou que, apesar da relevância do assunto, ainda existe uma falta significativa de publicações e estudos que explorem a atuação dos bibliotecários escolares na inclusão desse público, se tornando uma das implicações no desenvolvimento deste estudo, uma vez que, limitou referências específicas na revisão bibliográfica. Outrossim, além da parte teórica, enfrentaram-se dificuldades na aplicação da metodologia, já que não houve devolutiva do questionário enviado a alguns bibliotecários escolares.

A falta de literatura especializada limita a troca de experiências e a construção de práticas efetivas que possam ser adotadas nas bibliotecas escolares. Portanto, é essencial que os profissionais da área busquem fomentar discussões em eventos acadêmicos, publicações em periódicos e a realização de pesquisas que enfoquem a inclusão, contribuindo assim para o desenvolvimento de um ambiente bibliotecário que atenda a diversidade de alunos e promova a equidade educacional.

Além disso, diante dos resultados da pesquisa, é imprescindível que às bibliotecas escolares adotem uma abordagem mais intencional e sistemática para atender as necessidades dos alunos com TDAH. Para isso, recomenda-se que os bibliotecários busquem formação continuada sobre o transtorno, como sugerido por um dos participantes: "Seria interessante ter uma formação específica voltada para o público que sofre de transtornos em geral" (B 4) e destacado no quadro 5 de Cursos e especializações em inclusão, assim como na proposta de intervenção. Todavia, o interesse não pode vir apenas do bibliotecário, é importante que a escola na sua totalidade esteja em conexão, seja oferecendo treinamentos ou buscando estratégias para a formação da comunidade acadêmica. Essa formação deve abranger não apenas a compreensão das características do TDAH, mas também técnicas e práticas efetivas de mediação de leitura que estimulem o engajamento e a inclusão.

Adicionalmente, é crucial que os espaços das bibliotecas sejam adaptados para atender a diversidade dos alunos, proporcionando "ambientes tranquilos, salas

individuais, ou materiais especializados" (B 18). A criação de áreas organizadas e acolhedoras pode melhorar significativamente a experiência de aprendizado das crianças com TDAH. Diversas falas evidenciaram a importância de um ambiente que favoreça a concentração e a interação: "Acredito que cada usuário é individual... tudo que fazemos na biblioteca é pensando em atender todos, com cada demanda específica" (B 1). Isso sublinha a necessidade de personalização das abordagens na biblioteca.

REFERÊNCIAS

- AMADIO, B. A. **TDH! E agora?** A dificuldade da escola e da família no cuidado e no relacionamento com crianças e adolescentes portadores de transtorno de déficit de atenção / hiperatividade. São Paulo: Editoras STS, 2008.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DO DÉFICIT DE ATENÇÃO. **O que é TDAH.** 2020. Disponível em: <https://tdah.org.br/sobre-tdah/o-que-e-tdah/>. Acesso em: 20 jun. 2024
- ALVES, A. A importância do bibliotecário escolar para o incentivo à leitura na Biblioteca do Instituto Educacional Colégio e Curso. 2017. 40 f. trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Biblioteconomia) - Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa - PA, 2017. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/14732?locale=pt_BR. Acesso em: 20 nov. 2024.
- ANTUNES, C; PIMENTA, Jussara Santos. Acessibilidade em biblioteca escolar na perspectiva das políticas públicas e diretrizes institucionais do ifro. **Revista ACB**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 564-580, ago./nov., 2017. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6486336>. Acesso em: 22 set.2024.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 9050: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos.** Rio de Janeiro, p.143. 2015. Disponível em: https://acessibilidade.unb.br/images/PDF/NORMA_NBR-9050.pdf. Acesso em: 14 jun. 2024.
- BRASIL. **Lei nº 12.244 de 24 de Maio de 2010.** Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País. Brasília, DF: Presidência da república, 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12244.htm. Acesso em: 10 set. 2024.
- BRASIL. **Lei Federal Nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da República Federativa do Brasil: Brasília, DF, 20 dez. 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 10 set. 2024.
- BRASIL. **Lei Federal Nº 14.837 de 8 de abril de 2024.** Altera a Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010, que “dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País”, para modificar a definição de biblioteca escolar e criar o Sistema Nacional de Bibliotecas Escolares (SNBE). Diário Oficial da República Federativa do Brasil: Brasília, DF, 8 abril. 2024. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=09/04/2024&jornal=515&pagina=3&totalArquivos=102>. Acesso em: 12 set. 2024.
- BRASIL. **Lei nº 14.254 de 30 de novembro de 2021.** Dispõe sobre o acompanhamento integral para educandos com dislexia ou Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) ou outro transtorno de aprendizagem. Diário Oficial da República Federativa do Brasil: Brasília, DF, 30 nov. 2021. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/L14254.htm. Acesso em 15 nov. 2024.

BRASIL. Ministério da saúde. Portaria conjunta nº 14, de 29 de julho de 2022. Aprova o Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas do Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade. 2022a. Disponível em: <https://www.gov.br/conitec/pt-br/midias/protocolos/portariaconjuntan14pcdttranstornododeficitdeatencaocomhiperatividadetdah.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Entre 5% e 8% da população mundial apresenta Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade. 2022b. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/setembro/entre-5-e-8-da-populacao-mundial-apresenta-transtorno-de-deficit-de-atencao-com-hiperatividade>. Acesso em: 20 ago. 2024.

BARKLEY, R; MURPHY, Kevin R. (org.). ***Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade: manual para diagnóstico e tratamento***. Porto Alegre: Artmed. 784 p. 2008.

BONADIO, R. A. A; MORI, N. N. R. **Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade: diagnóstico da prática pedagógica** [online]. Maringá: Eduem, 2013, 251 p. ISBN 978-85-7628-657-8. Available from SciELO Books. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/963vf/pdf/bonadio-9788576286578.pdf>. Acesso em: 12 set. 2024.

BOGOSSIAN, T. A inclusão e o processo de aprendizagem de crianças com TDAH. **Global Academic Nursing journal**, [S. l.] v.2, n. Sup. 3 p. 189, 2021. Doi:10.5935/2675-5602.20200189. Disponível em: <https://globalacademicnursing.com/index.php/globacadnurs/article/view/274>. Acesso em 24 abr. 2024

BENCZIK, E. B. P et al. Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH) ao longo da vida. Porto Alegre: Artmed, 2013.

BEZERRA, R. R. Biblioteca Escolar inclusiva: análise acerca do transtorno do espectro autista (TEA). 2022. 72 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2022. Disponível em: <http://hdl.handle.net/123456789/5724>. Acesso em 16 fev. 2025.

CID-11. Classificação Internacional de Doenças. 11ª ed. São Paulo: Organização Mundial da Saúde, 2018.

CAMPELLO, Bernadete. A biblioteca escolar como espaço de aprendizagem. In: PAIVA, Aparecida; MACIEL Francisca; COSSON, Rildo. **Literatura: ensino Fundamental**. Brasília: Ministério da Educação: Secretaria de Educação Básica, 2010. Coleção Explorando o Ensino, v.20.

CAMPELLO, Bernadete Santos. Bibliotecas escolares e Biblioteconomia escolar no Brasil. **Biblioteca Escolar em Revista**, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 1-25, 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/berev/article/view/106613>. Acesso em: 24 set. 2024.

CALIMAN, L. V. Notas sobre a história oficial do transtorno do déficit de atenção/hiperatividade TDAH. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 30, n. 1, p. 46–

61, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932010000100005>. Acesso em: 15 nov. 2024.

CARVALHO, A. dos S. M. de *et al.* The History of ADHD – Evolution. *Research, Society and Development*, [S. l.], v. 11, n. 2, p. e7611225604, 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/25604>. Acesso em 26 abr de 2024.

CAVALCANTE, F. O. F.; VELANGA, C. T; PIMENTA, J. S. biblioteca escolar: ação mediadora e o papel do bibliotecário. **Revista Educação Pública**, v. 20, n. 4, 28 jan, 2020. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/4/biblioteca-escolar-acao-mediadora-e-o-papel-do-bibliotecario10.33448/rsd-v11i2.25604>. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/25604>. Acesso em: 16 nov. 2024.

CAVALCANTE, S. S. et al. Análise das dificuldades dos docentes relacionadas ao ensino de criança com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), v. 10, n. 13, 2021. ISSN 2525-3409. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i13.20678>. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/355305605_Analise_das_dificuldades_dos_docentes_relacionadas_ao_ensino_de_crianca_com_Transtorno_de_Deficit_de_Atencao_e_Hiperatividade_TDAH. Acesso em: 17 jun. 2024.

CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA (Brasil). **Resolução CFB Nº 220/2020, de 13 de maio de 2020**. Dispõe sobre os parâmetros a serem adotados para a estruturação e o funcionamento das bibliotecas escolares. Brasília: Diário Oficial da União, 13 maio. 2020.

CID-11. Classificação Internacional de Doenças. 11^a ed. São Paulo: Organização Mundial da Saúde, 2018.

CRESWELL, J. W. Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Tradução de Magda Lopes. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DSM-5. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. 5^a ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

DESIDÉRIO, R. C. S.; MIYAZAKI, M. C. DE O. S. Transtorno de Déficit de Atenção / Hiperatividade (TDAH): orientações para a família. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 11, n. 1, p. 165–176, jan. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/G4mGnPctSwHkLZgMn8hZs7b/>. Acesso em 12 fev. 2025.

ESTÉVÃO, A. C.; SILVA, L. R. O uso da Biblioteca Escolar como parte integrante das metodologias ativas no processo de ensino e aprendizagem: panorama Nacional. **Encontros Bibli**, v. 29, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/94049>. Acesso em: 23 abr. 2024.

FERREIRA, M. Horizontes para pensar um problema de pesquisa em Ciências Humanas e Sociais. São Luís: UFMA, 2008.

FERREIRA, M. Bibliotecas Escolares, Realidade e Desafios Para Transformá-las em Espaços de Leitura, Pesquisa e Informação. In: Jussara Santos Pimenta; Ângela Balça; Márcio Ferreira da Silva. (Org.). Biblioteca escolar, livros, leitura: **interações e diálogos**. 1. ed. Porto Velho: Edufro, 2022, v. 1, p. 37-58.

GAIO, R.; CARVALHO, R. B.; SIMÕES, R. Métodos e técnicas de pesquisa: a metodologia em questão. In: GAIO, R. **Metodologia de Pesquisa e Produção de Conhecimento**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008. p.143-171.

GALVÃO, A. L.; ABUCHAIM, C. M. Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade. **ABC da Saúde**: 2009. Disponível em: <http://www.abcdasaude.com.br/psiquiatria/trastorno-do-deficit-de-atencao-ehiperatividade>. Acesso em: 29 abr. 2024.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

JOU, G. I. DE. et al. Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade: um olhar no ensino fundamental. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 23, n. 1, p. 29–36, jan. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/Q4GXdJzTPvBdgwjwNZv8mrw>. Acesso em: 12 fev. 2025.

LIPINSKI, Bárbara; CRISTOVAM, Poliana Fragatti. A biblioteca escolar como agente potencializador do processo ensino-aprendizagem. **Biblioteca Escolar em Revista**, São Paulo, Brasil, v. 7, n. 2, p. 61–81, 2021. DOI: 10.11606/issn.2238-5894.berev.2021.178594. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/berev/article/view/178594>. Acesso em: 28 set. 2024.

LOURENÇO FILHO, M. **O ensino e a biblioteca**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946.

LEGNANI, V. N.; ALMEIDA, S. C. **A construção diagnóstica de Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade**: uma discussão crítica. Brasília: Universidade Católica de Brasília (UCB), 2008.

LACET, C.; ROSA, M. D. Diagnóstico de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e sua história no discurso social: desdobramentos subjetivos e éticos. *Psicologia Revista*, [S. l.], v. 26, n. 2, p. 231–253, 2017. DOI: 10.23925/2594-3871.2017v26i2p.231-253. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/27565>. Acesso em: 28 abr. 2024.

MANIFESTO da Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias. Manifesto IFLA/Unesco para biblioteca escolar. Trad. Neusa Dias de Macedo. 2000. Disponível: <https://www.ifla.org/wp-content/uploads/2019/05/assets/school-libraries-resource-centers/publications/school-library-manifesto-pt-brazil.pdf>. Acesso em: 25 set. 2024.

MORAES, R. B. de. Livros e bibliotecas no Brasil colonial. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2006.

MIRANDA, C. C. DE .; BRAGA, D. S.; CAVALCANTI, A. P. C.. Bibliotecas escolares e salas de leitura importam para o aprendizado dos estudantes? **Educação e Pesquisa**, v. 48, p. 20, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/pbJhZ9HWvZbkqW68HQySjkb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 jun. 2024.

MARTINS, Rozane Patrícia Varejão. **O papel da biblioteca universitária na inclusão de usuários com TDAH: um estudo sob a ótica do Laboratório de Acessibilidade da Biblioteca Central da Universidade Federal de Pernambuco**. 2024. 43 f. TCC (Graduação) - Curso de Biblioteconomia, Departamento de Ciência da Informação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/57174>. Acesso em: 27 jun. 2024.

MARTINS, Luziane Graciano. Bibliotecário como mediador de aprendizagem: uma proposta a partir do uso das TICs. BIBLOS - **Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, [S. l.], v. 31, n. 2, p. 74–98, 2018. DOI: 10.14295/biblos.v31i2.5602. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/5602>. Acesso em: 15 nov. 2024.

MARCOLINO, M. A. R.; CASTRO FILHO, C. M. de. O bibliotecário na biblioteca escolar e os usuários especiais: o desafio da inclusão. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, [S. l.], v. 10, 2014. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/331>. Acesso em: 2 nov. 2024.

MATTOS, P. O TDAH em adultos: Comorbidades e multimodalidade terapêutica. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 28, n. 2, p. 62-69, 2006.

MEDEIROS, A. K.S; BRANDÃO, A. C. P. A. **Mediação de leitura com livros de imagem na Educação Infantil**. Pernambuco: UFPE, 2019. Disponível: [https://www.ufpe.br/documents/39399/2403144/MEDEIROS%3B+BRANDA~O+-+2019.1.pdf/9b54b052-c503-47bc-b77b-7ad22e385463#:~:text=Em%20s%C3%ADntese%2C%20uma%20boa%20media%C3%A7%C3%A3o,SANTANA%3B%20BRAND%3%83O%2C%202016\)](https://www.ufpe.br/documents/39399/2403144/MEDEIROS%3B+BRANDA~O+-+2019.1.pdf/9b54b052-c503-47bc-b77b-7ad22e385463#:~:text=Em%20s%C3%ADntese%2C%20uma%20boa%20media%C3%A7%C3%A3o,SANTANA%3B%20BRAND%3%83O%2C%202016).). Acesso em set. 2024.

PEREIRA, M. T. N. **A Garantia do Direito à Educação para Crianças com TDAH: Desafios e Perspectivas na Legislação Brasileira**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Direito). Centro Universitário Luterano de Palmas, Palmas, Tocantins, 2023. Disponível em: <<http://ulbra-to.br/bibliotecadigital/publico/home/documento/3747>>. Acesso em: 15 nov. 2024.

PEREIRA, L. H. P. **Bioexpressão: a caminho de uma educação lúdica para a formação de educadores**. Rio de Janeiro: Mauad X: Bapera, 2005.

ROMA, Ivonete Aparecida Andrade; CAVALCANTE, Luciane de Fatima Beckman. Acessibilidade nas bibliotecas escolares estaduais de Londrina. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, [S. l.], v. 14, n. 1, p. 167–186, 2018. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/641>. Acesso em: 28 set. 2024.

Rezende, Eduardo de. A história completa do TDAH que você não conhecia. **Psicoedu**. São Paulo, 20 jun. 2024c. Disponível em: <https://www.psicoedu.com.br/2016/11/historia-origem-do-tdah.html>. Acesso em: 14 set 2024.

ROHDE, L. A. et al. Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade. **Brazilian Journal of Psychiatry**, v. 22, p. 07–11, dez. 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbp/a/zsRj5Y4Ddgd4Bd95xBksFmc/>. Acesso em: 12 fev. 2025.

SASSAKI, R. K. **Inclusão**: construindo uma sociedade para todos. 8ª ed. Rio de Janeiro: WVA, 2010.

SANTOS, D. S.; ROSA, F. G. M. G. REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFBA: Visibilidade das produções acadêmicas dos graduados. **BiblioCanto**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 40 – 60, 2020. DOI: 10.21680/2447-7842.2020v6n1ID21356. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bibliocanto/article/view/21356>. Acesso em: 8 jan. 2025.

SOARES, N. M. *et al.* ESTEREÓTIPOS DO TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE NA PERSPECTIVA DE PAIS E PROFESSORES: Um estudo de campo. **Revista Contemporânea**, [S. l.], v. 4, n. 5, p. e4027, 2024. DOI: 10.56083/RCV4N5-097. Disponível em: <https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/4027>. Acesso em: 13 fev. 2025.

SILVA, N. R. A. COMUNICAÇÃO E VISIBILIDADE: um estudo sobre a atuação da biblioteca escolar e suas limitações, **Ciências Humanas, Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 127, (não paginado), set. 2024. Disponível em: <https://revistaft.com.br/comunicacao-e-visibilidade-um-estudo-sobre-a-atuacao-da-biblioteca-escolar-e-suas-limitacoes/>. Acesso em: 13 fev. 2025.

VASCONCELOS, G. F. B. A contribuição da biblioteca escolar e da formação continuada dos bibliotecários na inclusão dos alunos com TDAH: adaptação do programa de atividades de Carol Kuhlthau. 2023. 26 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) – Curso de Graduação em Biblioteconomia, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2023. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/75328>. Acesso em: 14 set. 2024.

VÁLIO, E. B. M. Biblioteca Escolar: uma visão histórica. **Transinformação**, [S. l.], v. 2, n. 1, 1990. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/transinfo/article/view/1670>. Acesso em: 24 set. 2024.

Entre 60 – 70 ()

2. Escolaridade

Graduação ()

Mestrado ()

Pós-graduação ()

Especialização ()

Doutorado ()

Pós- Doutorado ()

3. A Biblioteca que você atua é?

Pública ()

Privada ()

4. Há quanto tempo você trabalha como bibliotecário escolar?

() Menos de 1 ano

() 1 a 3 anos

() 4 a 6 anos

() Mais de 6 anos

Conhecimento sobre o TDAH:

5. Você possui conhecimento sobre o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH)?

() Sim

() Não

6. Como você descreveria seu nível de conhecimento sobre o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH)?

7. Caso sua resposta da 5 questão tenha sido "Sim", de onde você adquiriu esse conhecimento?

Formação acadêmica ()

Cursos e treinamentos ()

Pesquisa autodidata ()

Experiência profissional ()

Outros ()

8. A escola em que trabalha já realizou alguma formação sobre a inclusão de alunos com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade?

Sim ()

Não ()

9. Já participou de algum curso ou palestra relacionado ao transtorno de déficit de atenção e hiperatividade?

Sim ()

Não ()

10. A biblioteca em que trabalha possui espaço para desenvolvimento de atividades lúdicas de leitura?

Sim ()

Não ()

11. Quais estratégias ou abordagens você utiliza para incentivar a leitura e a participação dos alunos com TDAH nas atividades da biblioteca?

12. Você usa algum tipo de material ou recurso específico, caso tenha algum aluno com TDAH?

13. A Biblioteca em que trabalha desenvolve algum projeto ou ações para incluir os alunos com TDAH?

Sim ()

Não ()

14. Caso sua resposta anterior tenha sido "Sim", especifique quais.

15. O espaço da biblioteca possui adaptações que favorecem a inclusão de alunos com TDAH (exemplo: ambientes tranquilos, materiais específicos)?

Sim ()

Não ()

16. Há mais algum comentário ou observação que gostaria de fazer sobre o atendimento a alunos com TDAH na biblioteca escolar?



APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCL)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Prezado(a) Participante

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada " O Bibliotecário Escolar na inclusão de crianças diagnosticadas com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH)", desenvolvida por Nathaly Araújo Barros, graduanda do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão-UFMA; sob orientação da Professora Dra. Raimunda Ribeiro.

Este estudo tem por objetivo:

Analisar quais as alternativas e ações que a biblioteca e o bibliotecário escolar têm realizado no sentido de incluir os alunos com TDAH não só no espaço físico da biblioteca, mas também no desenvolvimento de atividades lúdicas de leitura.

O questionário apresenta questões fechadas e abertas a serem narradas pelo entrevistado(a). Com duração aproximada de 5 minutos.

Os nomes dos participantes serão mantidos em sigilo, garantindo sua privacidade, assim como o caso desejem, terão total liberdade para acessar todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo, antes, durante e após a participação.

Os dados serão usados exclusivamente para a pesquisa, e os resultados poderão ser publicados.

Declaro que fui devidamente informado (a) e concordo em participar desta pesquisa.

Sim ()

Não ()